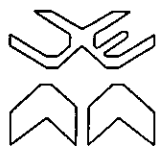


301.7 (679-6)

01/07

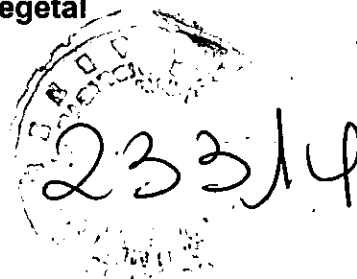
Hon

PPV.119



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
Departamento de Produção e Protecção Vegetal

Tese de Licenciatura



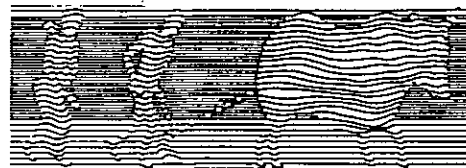
**Análise da participação das associações de
camponeses nos programas de
desenvolvimento do vale do Zambeze**

Supervisora: Dr^a Antoinette van Vugt

Secção: Comunicação e Sociologia Agrária

Honwana, Sansão Baptista

Maputo, Outubro de 2004



Índice

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
LISTA DE ABREVIATURAS	v
LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE ANEXOS	vi
RESUMO.....	vii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Justificação e problema de estudo	1
1.2. Organização do trabalho	2
1.3. Objectivos.....	3
1.3.1. <i>Objectivo Geral</i>	3
1.3.2 <i>Objectivos específicos</i>	3
2. QUADRO TEÓRICO	4
2.1. Organizações	4
2.1.1. <i>Formas de organizações de camponeses</i>	4
2.2. Historial do associativismo e cooperativismo em Moçambique	6
2.3. Participação	7
2.4. Desenvolvimento Rural	10
2.4.1. <i>Desenvolvimento sustentável</i>	11
2.4.1.1. <i>Associações de camponeses e desenvolvimento sustentável</i>	12
2.4.1.2. <i>Sustentabilidade dos projectos</i>	12
3. METODOLOGIA	15
4. LOCAL DE ESTUDO.....	18

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
5.1. Descrição dos actores que intervêm em projectos de desenvolvimento.	20
5.1.1. <i>Descrição das Associações de camponeses</i>	21
5.1.2. <i>Descrição das ONG's</i>	25
5.1.3. <i>Descrição da instituição do estado</i>	26
5.2. Comparação dos actores	26
5.3. Actividades das associações com as ONG's e instituições do estado	31
5.3.1 <i>Actividades das associações de camponeses ligadas ao GPZ</i>	34
5.3.2. <i>Actividades das pelas associações de camponeses ligadas ONG's</i>	35
5.4. Participação dos camponeses nos projectos/programas de desenvolvimento ...	36
5.4.1. <i>Tipos de participação das organizações segundo Biggs</i>	36
5.4.2. <i>Tipos de participação das organizações segundo Pretty</i>	38
5.5. Sustentabilidade.....	41
5.5.1. <i>Análise da sustentabilidade usando critérios de McCracken e Narayan.</i> 41	
5.5.2. <i>Análise da sustentabilidade usando os critérios de Kanshuhu</i>	43
5.3.3. <i>sustentabilidade das associações</i>	44
6. CONSTATAÇÕES	50
7. RECOMENDAÇÕES	51
BIBLIOGRAFIA	52
ANEXOS	54

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado:

Aos meus Pais, Baptista Alfredo Honwana e Justina Jonas Tembe, pela educação e apoio moral prestados durante a minha formação académica.

A memória do meu irmão Jorge Honwana.

Aos meus irmãos, sobrinhos em especial a Winnie Freddy.

A Claudia Nhambirre, pelo amor, carinho e apoio prestados.

Aos meus filhos Nicole Honwana e Freddy Honwana.

AGRADECIMENTOS

Esta tese é o resultado do esforço de todos que directa e indirectamente ajudaram a construí-la, por isso os meus sinceros agradecimentos:

A Supervisora dr^a. Antoinette van Vugt pelo alto sentido profissional demonstrado, confiança depositada e fundamentalmente pelas normas científicas transmitidas.

A UNAC pela ajuda prestada, na cedência de: espaço para pesquisar, bibliografia e informação pertinente.

Ao pessoal da Comissão Provincial de Camponeses de Tete, pelo apoio logístico, ajuda nos contactos, especialmente ao Sr Mafico, Dona Dórica, Sr. Agostinho, Sr. Albertino e outros.

Aos Sr. Ambrósio da Fonseca, Sr. Salomão Chitlango, Sr. Gonçalves pelo apoio prestado em Tete.

Ao projecto Holandês, pela disponibilização de fundos para a pesquisa.

Aos docentes, pessoal administrativo e estudantes da secção de Extensão e comunicação rural.

Aos meus melhores amigos Milly Vinodkumar Devji e António Jaime David Aljofre.

Aos meus colegas e amigos Lacerda Lipangue, Ovídio Nota, Benedito Cunguara, Nilza Puná, Lúcia António, Isidro Fote, Luís Habibo, Josefa Jaime.

Ao pessoal da sala de cálculo e biblioteca da FAEF, em especial as donas Isabel, Ana e ao Pires.

A todos o meu **Kanimambo**

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
ADIPSA	Apoio ao Desenvolvimento de Iniciativas Privadas no Sector Agrícola
APN	Ajuda Popular da Noruega
ASCANZOOU	Associação dos camponeses de Matuta ya N'zoou
DPADR	Direcção Provincial de Agricultura e Desenvolvimento Rural
DANIDA	Danish International Development Agency
FAEF	Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal
FAO	Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FDC	Fundo de Desenvolvimento para a Comunidade
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
GPZ	Gabinete do Plano de Desenvolvimento da Região do vale Zambeze
HAI	Help Age International
VIH/SIDA	Vírus de Imune deficiência Humana/Síndrome de Imune Deficiência Adquirida
HCB	Hidroeléctrica de Cahora Bassa
ISCOS	Instituto Sindicale per la Cooperazione Allo Sviluppo
MADER	Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural
MISAU	Ministério da Saúde
MPF	Ministério de Plano e Finanças
ONG	Organização Não Governamental
PARPA	Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRE	Programa de Reabilitação Económica
UNAC	União Nacional dos Camponeses

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Diferenças e semelhanças entre cooperativas e associações.....	5
Tabela 2: Tipos de Participação de Biggs.....	8
Tabela 3: Tipos de Participação de Pretty	9
Tabela 4: Número de respondentes por cada associação.....	16
Tabela 5: Associações do vale do Nhartanda.....	21
Tabela 6: Objectivos/filosofias e estratégias de intervenção das ONG's e GPZ.....	27
Tabela 7: Objectivos/filosofias e estratégias de intervenção das associações	29
Tabela 8: Actividades praticadas pelos membros das associações	30
Tabela 9: Actividades, Instituições de apoio/parceria	32
Tabela 10: Participação das associações usando os critérios Biggs	37
Tabela 11: Participação das organizações segundo Pretty	39
Tabela 12: Sustentabilidade dos projectos, usando os indicadores de McCracken e Narayan.....	42
Tabela 13: Sustentabilidade dos projectos, usando os indicadores de Kanshuhu.....	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama demonstrativo da relação entre os actores envolvidos.....	55
Figura 2: Níveis de Organização da UNAC.....	62

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Figura 1.....	54
Anexo 2: CHECK LIST.....	55
Anexo 3: Tabelas 14, 15, 16, 17, 18 e 19.....	58
Anexo 4: Figura 2.....	60
Anexo 5: Mapa dos distritos de Tete e Moatize.....	61
Anexo 6: Mapa do vale do Zambeze:.....	62

RESUMO

A presente tese aborda a participação das associações de camponeses em programas de desenvolvimento rural do vale do Zambeze, nos distritos de Tete e Moatize na Província de Tete. Tem como objectivo geral, analisar a participação e sustentabilidade das associações de camponeses nos programas de desenvolvimento do vale do rio Zambeze. Para a recolha de dados, efectuaram-se entrevistas semi-estruturadas, observações simples e conversas informais e foram usados os métodos de coincidência de padrões, triangulações, confrontação da teoria com a realidade e tabelas de frequências para a análise de dados.

Os resultados mostram que existe um conjunto de actividades praticadas pelas associações, tais como produção agrícola, piscicultura, prestação de serviços. Em relação a actividades com o GPZ destaca-se a prestação de serviços através de um projecto de produção de plantas pela Associação de Camponeses de Mafuta Ya NZOO (ASCANZOOU) e revitalização do regadio da associação de Campanga. Quanto as ONG's destacam-se 3 nomeadamente, Help Age International (HAI), Apoio ao Desenvolvimento de Iniciativas Privadas no Sector Agrícola (ADIPSA) e Ajuda Popular da Noruega (APN), que tem incrementado actividades principalmente de capacitação organizacional das associações do vale do Nhartanda e M'padue e também a Comissão Provincial de Camponeses de Tete através do financiamento da sua legalização (transformação para União Provincial de Camponeses) e deslocamento dos seus membros a feiras, palestras e outros eventos.

Usando os tipos de participação de Pretty (1995) e Biggs (1998) constatou-se que as ONG's usam a participação colegial e interactivo e O GPZ utiliza a participação por consulta e consultiva para a associação de Campanga e participação contratual e funcional para a ASCANZOOU. Das teorias de sustentabilidade de Kanshuu (1996), Mckracken e Narayan (1998) e os factores de sustentabilidade das associações descritos por Massingarella e Vugt (2000), constatou-se que a ASCANZOOU e a associação de M'padue e associações do vale do Nhartanda demonstram serem associações sustentáveis e a associação de Capanga pode encarar problemas de sustentabilidade. O tipo de participação usado pelo GPZ para envolver a ASCANZOOU contribui para a sustentabilidade do projecto e da associação mas pode não contribuir para a sustentabilidade da associação de Campanga. As ONG's utilizam um tipo de participação que garantir a sustentabilidade das associações

1. INTRODUÇÃO

O vale do rio Zambeze é uma região com grande potencial para a produção agrícola bem como para o incremento de actividades integradas (agricultura, pecuária, piscicultura) que podem proporcionar um desenvolvimento sustentável para as comunidades e gerar receitas para o desenvolvimento do país.

Para garantir o desenvolvimento sustentável desta região, vários programas e projectos têm sido levados a cabo por diversas instituições e organizações tanto governamentais como não governamentais envolvendo camponeses dos sectores familiar e privado. Estes camponeses estão organizados em associações, cooperativas e têm usado várias formas de ajuda mútua. Apesar do cenário acima descrito, constata-se que maior parte das populações que habitam a região são pobres e esta pobreza deve-se a muitos factores tais como o rápido crescimento demográfico, distribuição desigual dos recursos, incapacidade para envolver esta população na concessão de programas e o acesso limitado a meios de apoio ao desenvolvimento rural (Chenje, 2000).

Neste contexto realizou-se um estudo na província da Tete, nos distritos de Moatize e Tete, acerca da participação das organizações de camponeses nos programas de desenvolvimento rural, levados a cabo por ONG's e o Gabinete do Plano de Desenvolvimento da Região do vale Zambeze (GPZ). O tema de estudo foi sugerido pela União Nacional de Camponeses (UNAC) e enquadra-se no trabalho que esta instituição vêm realizando na fortificação do movimento associativo em Moçambique para que seja parte do motor do desenvolvimento do país.

1.1. Justificação e problema de estudo

O governo provincial de Tete aprovou a implementação do GPZ, com vista a aplicação de um plano de desenvolvimento sustentável da região tendo como objectivos repor e aumentar a antiga capacidade produtiva da região, especificamente da província de Tete, através de projectos de desenvolvimento que englobam vários actores sendo um deles as associações de camponeses (GPZ, sd). Além do GPZ, muitas ONG's tem feito trabalho de capacitação destas associações no intuito de incrementar o desenvolvimento rural sustentável da Província.

Chilundo e Cau (1999), explicam o papel das associações e cooperativas salientando que as comunidades locais possuem algumas desvantagens quando trabalham sozinhas e que dificilmente

poderão passar a sua agricultura de subsistência para a de mercado. Estas comunidades rurais podem organizar-se em associações para coordenar a comercialização de produtos agrícolas, defender os seus interesses e direitos de uso e aproveitamento de terra, coordenar a aquisição de títulos de terra comunitária, estudar mecanismos de acesso ao crédito, coordenar esforços para conservação do solo etc.

Os camponeses são motivados a participarem em organizações locais porque os bens colectivos trazem ganhos maiores que os custos, os quais não podiam ser alcançados através de esforços individuais. Mas as organizações de camponeses são importantes de várias perspectivas mais do que assegurar os utilizadores dos vários sub-sistemas (aprovisionamento de insumos, crédito, mercado, processamento e também informação tecnológica) (Rölling, 1988).

Assim torna-se fundamental analisar a participação das associações de camponeses em programas levados a cabo por ONG's e pelo GPZ no intuito de mostrar se esta participação contribui para o desenvolvimento sustentável das associações de camponeses.

Apesar de haver estudos na área do associativismo tais como, Massingarella e vugt (2000), Chilundo e Cau (1999) e participação em Moçambique como Artur (2000), UNAC (2002), há ainda falta de informação sistematizada e científica acerca da participação e sustentabilidade das associações de camponeses nos programas de desenvolvimento do vale de Zambeze.

1.2. Organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em 6 capítulos. O capítulo 1 é a introdução onde aborda o tema em geral, indicando a sua relevância e os objectivos do estudo. Segue-se o capítulo 2, que introduz os conceitos teóricos na perspectiva dos diversos autores enquadrando-os no contexto do estudo. O capítulo 3 mostra a metodologia usada, que são os principais passos seguidos para a concretização da tese, a partir do delineamento da proposta até a análise e interpretação dos resultados. No capítulo 4, faz-se uma descrição do local de estudo, desde o vale do Zambeze, passando pela província de Tete até a caracterização dos distritos de Tete e Moatize. Segue-se o capítulo 5, que traz os resultados da pesquisa, a sua análise e interpretação. Os capítulos 6 e 7 trazem as principais constatações e recomendações respectivamente.

1.3. Objectivos

1.3.1. Objectivo Geral

- Analisar a participação e sustentabilidade das associações de camponeses nos programas de desenvolvimento rural do vale do rio Zambeze, concretamente na província de Tete.

1.3.2 Objectivos específicos

- Identificar e descrever os principais actores que intervêm em programas de desenvolvimento rural nos distritos de Tete e Moatize.
- Descrever as principais actividades desenvolvidas pelas associações de camponeses.
- Identificar as actividades das associações de camponeses em programas/projectos de desenvolvimento rural ligadas as ONG's e ao GPZ.
- Identificar os tipos de participação que as ONG's e o GPZ usam nos programas de desenvolvimento rural, envolvendo associações de camponeses.
- Analisar a sustentabilidade das associações de camponeses e dos projectos das ONG's e do GPZ

Hipótese:

A participação das associações de camponeses nos projectos/programas de desenvolvimento rural das ONG's e do GPZ, aumenta a probabilidade da sustentabilidade das associações, nos distritos de Tete e Moatize na Província de Tete.

2. QUADRO TEÓRICO

O quadro teórico aborda os conceitos que são referenciados na tese, e que servem de alicerce na análise dos resultados e na formulação das constatações e recomendações. Primeiro trata-se o conceito de organizações, apresentando as principais organizações de camponeses que tem maior ênfase no trabalho, seguindo-se de uma abordagem dos conceitos de participação e desenvolvimento rural.

2.1. Organizações

Na presente tese, faz-se menção às organizações de camponeses. Assim, apresentam-se as diferentes formas de organização existentes e a caracterização das associações e cooperativas terminando com uma comparação entre as duas formas de organizações de camponeses.

2.1.1. Formas de organizações de camponeses

As organizações podem ser enquadradas em duas principais categorias, nomeadamente organizações informais e formais. As organizações informais caracterizam-se por terem uma estrutura mais difusa, carecendo de um reconhecimento legal pelos poderes públicos mas, são legitimados pela comunidade que representam ou na qual se encontram inseridas e, esta base de legitimidade pode ser o poder tradicional, religião, clã, idade, etc. Um dos exemplos deste tipo de organizações, são as organizações de ajuda mútua. As organizações formais caracterizam-se por serem reconhecidas legalmente pelo poder público, apresentam uma clara e complexa hierarquia de organismos e membros filiados ou participantes, em função dos níveis e papel por eles desempenhados. Na maioria dos casos dispõem de um instrumento legal de identificação que define os seus objectivos, funções, obrigações, deveres dos membros e as suas actividades. São exemplos, cooperativas, algumas iniciativas de organizações de crédito e associações (Da Graça et al., 1990).

Neste trabalho destacam-se as organizações formais (associações e cooperativas) mas, com maior enfoque para as associações, visto serem estas que são mais envolvidas em projectos e programas de desenvolvimento rural no vale do Zambeze. De acordo com o MADER (2000), o motivo da diminuição do número de cooperativas na agricultura deve-se a razões da sua génese e do aspecto organizacional. Salienta ainda que, os camponeses tem tido algum receio das cooperativas por causa da questão histórica e política pois, estas vieram no tempo do socialismo, onde aconteceu o fracasso da então chamada machamba colectiva.

Associação

É um grupo de seres humanos que de uma maneira orgânica entram em relação a fim de fazerem possível a realização de certos interesses comuns e que participam numa ou noutra função da vida social (Campos, 1999).

Supe (1999), diz que as associações de camponeses contribuem para a segurança alimentar dos membros, fazendo com que os bens disponíveis sejam comercializados. Pela sua natureza, particularidade e como regra as associações de camponeses, dispõem de um estatuto jurídico próprio, conferido por legislação específica, ou então enquadram-se num determinado código civil sobre organizações. Segundo MADER (2000), para o caso de Moçambique, as associações enquadram-se na legislação do decreto do conselho de ministros, 21/91 de 3 de Outubro.

Cooperativa

Cooperativa é definida como sendo um conjunto de pessoas que voluntariamente se unem para juntos alcançarem um fim comum através de formação de uma organização controlada democraticamente, fazendo contribuições iguais, equitativas e justas do capital requeridos e, uma partilha igual de riscos e benefícios do empreendimento na qual os membros participam activamente (Vugt, 2000).

Apesar de ambas serem organizações formais estas apresentam algumas diferenças. A tabela 1 mostra as diferenças entre associações e cooperativas. Estas diferenças podem ajudar a compreender alguns aspectos organizacionais patentes nestas formas de organizações.

Tabela 1: Diferenças e semelhanças entre cooperativas e associações

Cooperativas	Associações
São organizações com fins lucrativos	Não tem fins lucrativos
São organizações formais	São organizações formais
Um Homem um voto (controle democrático)	Um Homem um voto (controle democrático)
Partilha igual de riscos e benefícios	Não há partilha igual de riscos e benefícios
Adesão livre de membros	Adesão livre de membros

Fonte: Adaptado de MADER (2000), Campos (1999) e Vugt (2000).

2.2. Historial do associativismo e cooperativismo em Moçambique

Em África os camponeses vêm organizando-se em grupos desde os tempos remotos, praticando várias actividades de ajuda mútua (Beaudaux, Nieuwkerk, 1985). Segundo Massingarela e Vugt (2000) para o caso de Moçambique em particular, desde o tempo colonial que se verifica a organização das populações em vários grupos com princípios de associativismo.

No período colonial o associativismo já era uma forma de organização formal de indivíduos ligados a agro-pecuária e a pequenas indústrias de interesse comum, as quais recebiam apoio das autoridades coloniais. Com a independência de Moçambique em 1975, o então governo da FRELIMO, mobilizou os camponeses a organizarem-se em cooperativas, que ocupavam machambas extensas e albergavam um número elevado de camponeses. O movimento cooperativo foi dinâmico e continuou por alguns anos, até a altura do surgimento do Programa de Reabilitação Económica (PRE) onde o governo adoptou a política de liberalização do mercado. Com o acentuar da crise económica no país, algumas cooperativas que até então beneficiavam do apoio estatal, desapareceram, restando outras que conseguiram sobreviver graças ao vínculo com empresas estatais ou por terem formado uniões de cooperativas como é o caso da União Geral das Cooperativas. Outras transformam-se em associações, optando por subdividir-se a terra pelo número de membros que cada organização dispunha. Em 1992, com o fim da guerra civil, há um incremento de transformações sociais, políticas e económicas, assistindo-se o ressurgimento auto organizado da sociedade civil, acompanhado do aumento do número de ONG's e do surgimento de associações de base comunitária. No caso das ONG's, estas priorizam as suas actividades no âmbito de emergência (Massingarela e Vugt, 2000).

Assim, o associativismo e cooperativismo, enquadram-se em quatro períodos distintos da historia de Moçambique, nomeadamente *era colonial, o pós independência, o pós surgimento do Programa de Reabilitação Económica e o pós fim do conflito armado.*

2.3. Participação

Segundo Doniak (2002), entende-se por participação, o acto e efeito de um processo em que uma sociedade toma decisões em conjunto. Este processo é um instrumento no qual promove-se a articulação entre os actores sociais, fortalecendo a coesão da comunidade, melhorando assim a qualidade das decisões, o que torna mais fácil alcançar os objectivos de interesse comum. No entanto, esta prática não pode ser encarada como um procedimento infalível, capaz de proporcionar soluções adequadas para todo o tipo de problemas que surgem no processo.

Segundo Pretty (1995), existe uma longa história acerca da participação no desenvolvimento da agricultura e muitas organizações tanto nacionais como internacionais tentam envolver os beneficiários em alguns aspectos de planificação ou de implementação. Este autor apresenta duas visões acerca da participação: A primeira visão, vê a participação como sendo uma maneira de aumentar a eficiência dos projectos, admitindo que se as pessoas estão envolvidas é mais fácil de elas concordarem ou suportarem o novo desenvolvimento ou serviços. A segunda vê a participação como um direito fundamental na qual o objectivo principal é iniciar a mobilização para uma acção colectiva, "empowerment" e a construção das instituições.

Da dissertação de Pretty pode-se constatar que a segunda visão engloba um aspecto importante que é a acção colectiva, fazendo menção a importância da organização para o melhor desempenho das actividades e ligando este factor com a relevância da capacitação das instituições/organizações da comunidade, para que elas próprias possam tomar decisões.

A participação é muito importante para desenvolvimento sustentável pois, torna os processos de desenvolvimento local direccionados aos objectivos que a comunidade deseja. Assim, quando a comunidade participa activamente na elaboração e execução dos planos de desenvolvimento local, acrescenta o aspecto da descentralização do poder entre as instituições que estão envolvidas neste desenvolvimento e a própria sociedade, para além de trazer como beneficio o poder de comando que a comunidade adquire. Se para além deste facto a comunidade souber gerir e solucionar os seus problemas tem maiores probabilidades de sucessos porque, permite maior autonomia frente as variáveis exógenas (Doniak, 2002).

Alguns autores como Pretty (1995) e Biggs (1998), apresentam tipologias de participação de camponeses em programas de desenvolvimento. As tipologias de participação ajudam-nos a clarificar os possíveis níveis de partilha de poder em actividades participativas, não obstante as tipologias apresentarem formas muito simplistas em que por vezes existem uma sobreposição de dois ou mais tipos de participação (Kelly, 2001)

Como um dos objectivos de estudo é identificar os tipos de participação em projectos de desenvolvimento rural apresentam-se a seguir duas tipologias de diferentes autores.

Biggs (1998) citado por Artur (1999), mostra 4 diferentes tipos de participação usados baseando-se na participação dos camponeses nas investigações agrícolas.

Tabela 2: Tipos de participação segundo Biggs (1998)

Modo de participação	Objectivo
Contratual	Pesquisador(es) contracta(m) a população para disponibilizarem terra e/ou serviços para as actividades que irão desenvolver
Consultivo	Pesquisador(es) consulta(m) a população local os seus problemas e depois desenvolve(m) soluções
Colaborativa	Pesquisador(es) e população local colaboram como sócios no processo de pesquisa
Colegial	Pesquisador(es) trabalha(m) para fortalecer as capacidades da população local

Fonte: Artur (1999)

Estes tipos de participação são usados porque apresentam-se de uma forma simples, enquadrando de um lado os pesquisadores (que no trabalho são definidos como as instituições que induzem acções de desenvolvimento) e por outro os beneficiários que são as associações de camponeses.

Pretty (1995), mostra 7 diferentes tipos de participação em projectos de desenvolvimento, que são mostrados na tabela 3.

Tabela 3: Tipos de participação em programas e projectos de desenvolvimento segundo Pretty (1995)

Tipo de participação	Características de cada tipo
Participação manipulativa	Participação é uma falsa aparência, com uma representatividade das pessoas nos conselhos oficiais mas não tendo nenhum poder de decisão nem de serem eleitos.
Participação passiva	As pessoas participam sendo informadas do que vai acontecer ou já aconteceu. É uma decisão unilateral, sem qualquer tipo de consulta ou diálogo
Participação pela consulta	A comunidade/população participa por ser consultada e pessoas de fora da comunidade levam a lista dos problemas, definem o problema e a solução. O processo não dá nenhuma chance à comunidade para a tomada de decisão
Participação por incentivos materiais	A população participa porque quer recursos materiais. Muitas das investigações 'On farm' caem nesta categoria, como camponeses providenciam campos mas não são envolvidos no processo de experimentação e aprendizagem. É muito comum ver este tipo de a chamar-se participação mas a população não prolonga com as actividades quando a iniciativa acaba.
Participação funcional	A participação é vista pelas agências externas como um meio para alcançar os objectivos do projecto, especialmente para redução de custos. A população pode formar grupos para ir de encontro com os objectivos relacionados com o projecto. Tal envolvimento pode ser interactivo e envolve a troca na tomada da decisão mas tende a ser depois de as maiores decisões terem sido tomadas pelas agências externas.
Participação interactiva	A população participa nas análises que conduzem os planos de acção e há formação de novas instituições locais ou no fortalecimento das já existentes. Tende a ser multidisciplinar criando perspectivas múltiplas e faz o uso do processo de aprendizagem sistemático e estruturado, mantendo as estruturas e práticas locais.
Auto- mobilização	A população pratica iniciativas independente das instituições externas para mudanças sistemática. Desenvolvem contacto com instituições de fora para concelhos e recursos que precisam mas mantém o controle das actividades e o uso dos recursos disponíveis

Fonte: Pretty (1995).

Estes tipos, são usados para analisar a participação das associações de camponeses nos programas de desenvolvimento do GPZ e das ONG's. Na abordagem da participação de Pretty salientam-se 4 aspectos que são: *Quem toma as principais decisões, de quem são as iniciativas dos projectos/programas, quem é que define os problemas que as associações tem e como são definidas as soluções.* Assim adaptando da tabela dos tipos de participação definiram-se quatro indicadores/critérios que são:

- Tomada de decisão,
- Iniciativa dos projectos
- Definição dos problemas
- Definição de soluções

Segundo Artur (1999), citando Pijnenburg (1998), nos últimos anos o termo participação é um instrumento para garantir a sustentabilidade na concepção de programas e modelos de desenvolvimento.

2.4. Desenvolvimento Rural

Chambers (1995), salienta que o desenvolvimento é uma estratégia destinada a capacitar um grupo específico de pessoas (homens e mulheres rurais pobres) para ganharem para si e seus filhos mais do que desejam e necessitam. O desenvolvimento tem sido também identificado com o crescimento económico, com a modernização, com o aumento de produção agrícola, com formas sociais de organização e com serviços para necessidades básicas como a saúde, educação, transporte e abastecimento de água.

Este conceito apresentado por Chambers é abrangente mas apresenta um aspecto muito importante que é a capacitação de grupos de homens e mulheres, salientando ainda as organizações de camponeses e a importância destas formas sociais de organização no desenvolvimento rural. Portanto estão aqui salientes dois termos que são: as organizações de camponeses e o desenvolvimento rural.

Doniak (2002), citando Magalhães e Bittencourt (1997), apresenta o desenvolvimento rural como sendo um processo local e é o resultado da acção articulada por diversos agentes sociais, económicos e políticos existentes numa região, na construção de projectos e estratégias que orientam as acções a

longo prazo, argumentando que, a base é a participação da sociedade neste processo. A outra estratégia do desenvolvimento é a sustentabilidade.

Este autor define aqui, que a acção do desenvolvimento deve ser levada a cabo por agentes ou instituições sociais e focaliza a importância dos projectos ou programas como instrumentos que podem impulsionar este desenvolvimento. Acrescenta ainda um conceito fundamental no desenvolvimento que é a sustentabilidade que aborda-se a seguir.

2.4.1. Desenvolvimento sustentável

Desenvolvimento sustentável é baseado na confiança de que a implementação de projectos tem que resultar em benefícios com efeito duradouro e este não pode esgotar quantidades avançadas de recursos (Kanshuhu, 1996).

Segundo Doniak (2002), o desenvolvimento sustentável enquadra-se em três esferas:

- a) Ecológica: Conservação dos ecossistemas e maneió racional do meio ambiente e dos recursos naturais.
- b) Económica: Promoção de actividades produtivas rentáveis que promovem qualidade de vida, do que quantidade de produção, com uma permanência no tempo.
- c) Social: As actividades e os processos de desenvolvimento, compatíveis com os valores culturais e com as expectativas da sociedade, na qual existe um consenso entre os actores sociais participantes que permitem controlar as acções e decisões.

Na presente pesquisa o termo sustentabilidade está relacionados com dois aspectos que são: sustentabilidade das associações de camponeses e sustentabilidade dos projectos nos quais estas associações estão envolvidas. A seguir apresentam-se os principais indicadores para a sustentabilidade das associações e a sustentabilidade dos projectos.

2.4.1.1. Associações de camponeses e desenvolvimento sustentável

No desenvolvimento sustentável, enfatizando a esfera social é importante considerar dois capitais: capital humano e capital social. Enquanto que o capital humano refere-se aos valores dos recursos humanos, suas atitudes, história, habilidades, educação, capacitação, uso do conhecimento, saúde, bem-estar, entre outras qualidades, o capital social relaciona-se ao conjunto de organizações que articulam o trabalho humano e dão sentido às relações de reciprocidade, cooperação e intercâmbio (Doniak, 2002).

Doniak ao dar ênfase aos dois capitais, mostra a importância das organizações locais (ex. associações de camponeses) no desenvolvimento sustentável, argumentando que estas organizações, são a base da sustentabilidade dos processos de desenvolvimento, onde este não pode ser visto como um processo de geração ou apresentação de novos produtos mas um processo baseado na participação dos indivíduos. Segundo este autor, o associativismo é um instrumento fundamental para o êxito de projectos já que de uma forma geral os associados trocam experiências, tem o acesso facilitado a serviços de extensão, reduzem os custos (relacionados com insumos) e ficam motivados.

Massingarrela e Vugt (2000), mostram que existem factores que concorrem para a sustentabilidade das associações e para o caso de Moçambique, a forma como os associados encaram o associativismo, o modo como elas surgiram, a ligação com as uniões de camponeses e a maneira como estas foram acompanhadas pelas instituições de apoio, são determinantes. Existe uma má concepção do associativismo, derivado do facto de entre os membros das organizações haver divergências muito grandes quanto aos objectivos do associativismo e motivações dos membros ao aderirem no movimento. Acrescentam ainda que a dependência às iniciativas externas é acentuada, não havendo espírito de iniciativas locais para ajudar a resolver os próprios problemas, notando-se o surgimento de muitas organizações de forma diversificadas e de forma específica.

Depois de ter-se abordado a sustentabilidade das associações apresentam-se os critério de sustentabilidade dos projectos de desenvolvimento.

2.4.1.2. Sustentabilidade dos projectos

Para a análise da sustentabilidade de projectos auxiliou-se em critérios apresentados por Kanshuhu (1996) e por McCracken e Narayan (1998).

Critérios de Sustentabilidade de Kanshahu

Kanshahu (1996), apresenta critérios de sustentabilidade de projectos de desenvolvimento rural:

1. Baixo custo - Um projecto requer somente envolvimento a baixo custo
2. Adaptação aos conhecimentos locais- Um projecto deve fazer uso dos conhecimentos locais
3. Uso de matéria prima local- O projecto deve fazer uso a grande medida de matéria prima local.
4. Os resultados devem ir ao encontro das necessidades locais- Os produtos ou serviços devem beneficiar aos grupo alvo.
5. Criação de emprego- O projecto deve criar postos de emprego.
6. Substituição de impostos e poupança de divisas- Deve substituir impostos e poupar divisas.
7. Gerar lucros- O projecto deve gerar lucros, criar excedentes para auto sustentabilidade.
8. Harmonia ambiental- Os projectos devem manter o nível de ambiente.
9. Tecnologias simples fáceis de aprendizagem- Os projectos devem ser simples e fáceis para que facilite a sua adopção.
10. Produção continua- Sistema de manutenção que permite que a continuidade do processo de produção mesmo que o suporte financeiro e de gestão deixe de existir.
11. Instituição de auxilio/suporte- Um projecto deve ter planos que garantam a continuidade através de instituições de auxilio.

Para a análise da sustentabilidade dos projectos desenvolvidos pelas organizações no vale do Zambeze foram usados os critérios descritos por Kanshahu, nomeadamente os critérios 2, 3, 4, 9, 10 e 11. Uma das principais razões da escolha destes critérios deve-se a esfera de sustentabilidade que se faz menção na pesquisa que é a esfera social e seleccionaram-se assim os aspectos sociais.

Critérios de sustentabilidade de McCracken e Narayan

McCracken e Narayan (1998), mostram outros indicadores/critérios de sustentabilidade de projectos de desenvolvimento rural.

1. Reabilitação do sistema (projecto). Este indicador apresenta duas dimensões:
 - a) Facilidade do trabalho- Refere-se a complexidade do projecto para os beneficiários.
 - b) Manutenção do sistema- Refere-se ao sujeito que faz a manutenção do sistema do projecto. Se são os beneficiários ou a organização/instituição que suporta o projecto.

2. Desenvolvimento de capacidades humanas. Na execução do projecto, há desenvolvimento de capacidades humanas referentes a:

- a) Habilidades de gestão- Os projectos de desenvolvimento acrescentam algumas habilidades de gestão dos projectos aos camponeses ou a gestão é feita inteiramente pelas instituições/organizações?
- b) Conhecimentos e habilidades- Existe a utilização dos conhecimentos dos próprios camponeses?
- c) Autoconfiança- Uma das capacidades importantes para a tomada de decisões é a autoconfiança. Será que o projecto transmite confiança aos camponeses?

3. Capacidade institucional. Durante a execução do projecto até que ponto os beneficiários possuem:

- a) Autonomia- Os beneficiários tem autonomia na tomada de decisão.
- b) Liderança- Será que o projecto confere maior liderança ou somente os beneficiários são receptores de ideias e de capitais? Como é o aspecto de liderança?
- c) Sistema de aprendizagem e de resolução de conflitos- Existe um sistema de resolução de problemas e de aprendizagem?

4. Partilha de custos.

- a) Contribuição da associação e organização/instituição- Qual é a contribuição da associação e das organizações/instituições, em termos dos custos totais do projecto. Será que as associações contribuem em termos de custos ou estes são suportados totalmente pelas organizações/instituições de apoio/parcerias.

5. Colaboração entre organizações. Existe colaboração entre as várias organizações/instituições na:

- a) Planificação
- b) Implementação das actividades

Nos indicadores apresentados por McCracken e Narayan, são usados somente os seguintes: *1 alínea b, 2 alínea a, 3 alínea a, 5 alíneas a e b* para ver até que ponto os projectos das organizações e instituições são ou não sustentáveis. Nesta abordagem de McCracken e Narayan faz-se o uso de aspectos sociais que possibilitam a análise da sustentabilidade social.

3. METODOLOGIA

Este capítulo compreende as fases levadas a cabo para a elaboração da tese, designadamente: elaboração da proposta, recolha dos dados no campo e sua análise.

Elaboração da proposta

Para a elaboração do protocolo baseou-se fundamentalmente no uso de dados secundários. Primeiro fez-se uma revisão bibliográfica que auxiliou o autor na elaboração de definições e teorias, dos objectivos do estudo, justificação da pesquisa, e fundamentalmente para a escolha dos métodos de recolha dos dados. Consultou-se também dados estatísticos oficiais, para a caracterização da zona de estudo e foram feitas várias visitas a organizações e instituições para a recolha de dados relevantes que possibilitaram a delimitação da zona de estudo e foram basicamente estas: UNAC, GPZ, MADER, LINK e FAEF.

Recolha dos dados no campo

Depois da elaboração da proposta, seguiu a fase do trabalho de campo na província de Tete concretamente em Tete e Moatize, durante os meses de Maio e Junho de 2003.

Para a recolha dos dados baseou-se fundamentalmente em métodos qualitativos. Segundo Pijnenbug e Cavane (2000), de acordo com a característica dos respondentes podem-se escolher métodos quantitativos ou qualitativos. O método qualitativo é usado pois, é mais flexível, mais apto para investigar percepções, opiniões, sendo possível gerar muita informação mas, com poucos respondentes. Efectuaram-se assim entrevistas que tinham como base um guião elaborado (entrevista semi-estruturada) que é apresentado no *anexo 2*. A entrevista semi-estruturada é importante por ser eficiente permitindo obter dados de uma forma profunda, não exigindo que o entrevistado saiba ler nem escrever e é muito flexível possibilitando o entrevistador esclarecer perguntas e sondar. Algumas vezes o entrevistador efectuou conversas informais (sem obedecer a uma estrutura de perguntas e num ambiente informal) que permitiam o enriquecimento dos conteúdos, deixando o entrevistado a vontade.

Foram feitas também observações nas machambas dos camponeses e nas sedes das associações, para se obterem dados acerca das culturas, produzidas, das actividades praticadas, dos equipamentos utilizados para se identificar e descreverem as actividades praticadas pelas associações de camponeses. Segundo

Pijnenbug e Cavane (2000) a observação é um método suplementar a outros que permite uma percepção directa dos factos, permitindo assim uma alta validade e fedidignidade.

Usando os métodos acima descritos, foram entrevistados 64 camponeses de um total de 8 associações dos quais 24 homens e 40 mulheres. Foram entrevistados também 17 informantes chaves, nomeadamente presidentes das associações, responsáveis das ONG's, instituições do estado e UNAC. A amostragem foi aleatória, onde foram utilizadas as listas oficiais dos associados atribuindo-se um número a cada elemento amostral. Foram colocados os números em papelinhos e introduzidos num recipiente, retirando-se um por um e este número correspondia a um camponês. O número da amostra foi estabelecido de acordo com Nichols (1991), que estabelece uma amostra de mais ou menos 50 entrevistados para pesquisas exploratórias ou aquelas que requerem um certo grau de profundidade em que o objectivo é descrever o sentimento em relação a um certo problema. A tabela 4 apresenta o número de respondentes distribuídos por cada associação.

Tabela 4: Número de respondentes por cada associação

Associações	Localização	Amostra	População total
Capanga	Moatize	12	50
ASCANZOOU	Moatize	12	17
M'Padué	Tete	15	100
Associações do vale do Nhartanda	16 de Junho	5	26
	18 de Abril	5	21
	10º aniversário	5	30
	Massacre da Moeda	5	20
	Aliança Agrária	5	21
Total		64	258

Análise dos resultados

Depois da fase da recolha dos dados no campo passou-se para a fase de análise dos resultados, com o uso de métodos qualitativos. De acordo com Pijnenbug e Cavane (2000), o uso de métodos qualitativos é feita segundo os objectivos da pesquisa, quando estes pretendem descrever, estudar atitudes, comportamentos e opiniões.

1. Coincidência de padrões ("Pattern Matching").

De acordo com Matakala e Macucule (1998), é um método que envolve a junção de respostas similares explicação das diferenças e tirando-se assim as conclusões relevantes. Este método foi usado para a análise da sustentabilidade dos projectos e das associações, para suportar a análise que culminou com a identificação dos tipos de participação e para descrição das actividades das associações de camponeses.

2. Confrontação da teoria com a realidade

Este método foi usado para identificar os tipos de participação que as organizações e instituições utilizam no envolvimento das associações em programas e projectos de desenvolvimento e para a análise da sustentabilidade dos projectos e das associações de camponeses.

3. Triangulação

De acordo com Matakala (1997), este método consiste em verificar a informação de diversas fontes. Assim foram feitas triangulações, entrevistando várias pessoas falando do mesmo assunto. Algumas vezes era feita a revisão bibliográfica para suportar alguma informação colhida no campo.

4. Tabelas de frequências

Como a informação estava expressa em forma de número foi necessário fazer tabelas de frequências percentuais para facilitar a análise qualitativa. Este método foi associado a coincidência de padrões.

Nota: Para a análise da participação e sustentabilidade, as associações foram divididas conforme a instituição de apoio ou parceria e assim as Associações do vale do Nhartanda e de M'padue no projecto das ONG's e as associações de Campanga e ASCANZOOU no projecto do GPZ. As associações do vale do Nhartanda foram consideradas como uma unidade de análise (*vide 5.1*).

4. LOCAL DE ESTUDO

A pesquisa foi efectuada na província de Tete, nos distritos de Tete e Moatize. Apresetam-se neste capitulo os factores que influenciaram a escolha do vale Zambeze e dos distritos como locais de estudo, seguindo-se da caracterização do vale do Zambeze e dos respectivos distritos.

Escolha do local de estudo

Vale do Zambeze- O estudo foi sugerido pela UNAC que propôs a região do vale do Zambeze. Esta região possui largo potencial de desenvolvimento rural sustentável.

Distritos de Tete e Moatize- Depois dos contactos tidos com os informantes chaves (das ONG's, da Comissão Provincial de Camponeses de Tete e do GPZ), o pesquisador teve conhecimentos que os projectos que estavam a ser desenvolvidos nesta província estavam localizados em Tete e Moatize.

Vale do Zambeze

De acordo com Chenje (2000), esta região engloba 8 países da África Austral nomeadamente Angola, Namíbia, Moçambique, Tanzânia, Zimbabwe, Zâmbia, Botswana e Malawi (ver *anexo 6*). Do lado de Moçambique, o vale está localizado no coração de Moçambique, conectando as regiões Norte e o Sul e cobre uma área de 225 000 Km² (Cerca de 27% da superfície total do país), com cerca de 5.5 milhões de hectares de terra arável (cerca de 15% de terra arável do país), dos quais 2.5 milhões e tem potencial para uma agricultura intensiva mas apenas 0.9 milhões são cultivados. As províncias e distritos que fazem parte deste vale são:

1. Tete- Todos os distritos da província
2. Zambézia- Morrumbala, Mopeia, Chinde, Milange, Mocuba, Maganja da Costa, Nicuadala, Inhassunge e Quelimane
3. Sofala- Gorongosa, Maringue, Chemba, Caia, Marromeu, Cheringoma e Muanza
4. Manica- Barué, Tambara e Macossa

Distrito de Tete

De acordo com PNUD e ACNUR (1997), o distrito de Tete fica situado na província de Tete. Faz fronteira a Norte com os distritos de Moatize, a Sul e Oeste com o distrito de Changara e a Este com o distrito de Chiúta. Tem como coordenadas geográficas 16.02° S e 33.66° E, com uma população

estimada de 129.719 habitantes, densidade de 453.6 hab/Km² e uma superfície total de 286 Km². De acordo com MISAU/MPF (1997), o distrito é banhado pelo rio Zambeze o que faz com que as zonas próximas do rio sejam férteis e propensas para a produção agrícola, mas sujeitas a cheias quando a precipitação é muito elevada. Isto verifica-se nos meses de Fevereiro, Março e Abril. A agricultura é uma das actividades económica da província, onde o cultivo nas zonas próximas do rio é frequente e maioritariamente do sector familiar. As principais culturas são: milho, mapira, a mexoeira, feijões, Hortícolas e outras. Quanto a pecuária destaca-se a criação de gado bovino caprino e suíno.

Distrito de Moatize

De acordo com PNUD e ACNUR (1997), o Distrito de Moatize localiza-se na Província de Tete, a Norte do rio Zambeze e da capital Provincial, Tete. Este distrito faz fronteiras a Norte com os distritos de Chiuta e Tsangano, a Este com o Malawi, a Sul com os distritos de Changara, Mutarara e Tete, a Oeste com Changara. Tem coordenadas geográficas de 15,91° S e 33,87° E, possuindo uma superfície de 8.879 Km², com uma população estimada de 197.572 habitantes e uma densidade populacional de 22 hab/Km². O distrito tem 3 postos administrativos nomeadamente Zóbue, Kambulatsitsi e Moatize que é a capital distrital. De acordo com MISAU/MPF (1997) o distrito de Moatize localiza-se na zona de alta produtividade agrícola, que é o norte do rio Zambeze, onde no geral a fertilidade dos solos é boa, fazendo com que a agricultura seja uma das actividades económica da região. Apesar disso, somente 29.164 ha dos 887.900 ha de cultivo são explorados, e quase 100 % pelo sector familiar, cultivando uma série de culturas com o destaque para o milho, mexoeira, mapira, feijão nhemba, mandioca, hortícolas. A população dedica-se a agricultura e comercio, vendendo os seus produtos nos países vizinhos (Malawi e Zâmbia) e a outros distritos como Tete e Changara. Em termos de segurança alimentar destacam-se as árvores de fruta, os cereais, vegetais e tubérculos e outros alimentos são adquiridos no Malawi e Zâmbia e principalmente na capital provincial Tete. Na pecuária destacam-se a criação animal como Gado bovino, caprino, suíno e galináceo. Os animais são usados para alimentação das famílias mas principalmente como fonte de receita, vendendo nos mercados da cidade de Tete e outros pontos do país. O distrito de Moatize é um dos mais ricos em mineiros, destacando a exploração das minas de carvão situadas na zona alta do distrito, no posto administrativo de Zóbue. Em termos de rede escolar, possui 25 escolas sendo 19 do EP1, 5 do EP2 e uma do ESG. A rede de saúde tem 5 centros de saúde e 3 postos. Os mapas dos distritos estão apresentados no *anexo5*.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo traz os principais resultados da pesquisa. Começa-se por identificar e descrever os principais actores que intervêm em projectos de desenvolvimento rural, seguindo-se da identificação das actividades levadas a cabo pelas associações de camponeses, quer actividades independentes quer aquelas que estão ligadas as ONG's e ao GPZ. Encere-se depois o conceito da participação, no intuito de identificar-se quais os tipos de participação que as instituições usam no envolvimento das associações em projectos de desenvolvimento rural e por fim analisa-se a sustentabilidade das associações e dos projectos nos quais elas participam.

5.1. Descrição dos actores que intervêm em projectos de desenvolvimento.

Através da informação recolhida nas entrevistas com informantes chaves da UNAC (Maputo), Comissão dos camponeses de Tete (Tete), GPZ (Maputo e Tete) e das ONG's, foram identificados diversos actores que intervêm em projectos de desenvolvimento do vale do Zambeze, nomeadamente:

- **Associações e uniões de camponeses**
 - **Associações de camponeses**- Associações "cooperativas"¹ do vale do Nhartanda (7), associação de desenvolvimento consórcio de M'padue, associação de Campanga, associação dos camponeses de Mafupa ya N'zoou- ASCANZOOU
 - (UNAC) União Nacional dos Camponeses.
- **ONG's:**
 - (ADIPSA) Apoio ao Desenvolvimento de Iniciativas Privadas no Sector Agrícola
 - (HAI) Help Age International
 - (APN) Ajuda Popular da Noruega
- **Instituições do estado:**
 - (GPZ) Gabinete do Plano de Desenvolvimento da Região de Vale do Zambeze

¹ Estas associações pelo facto de serem originadas de cooperativas são até agora designadas (pelos membros) de cooperativas apesar do seu trabalho ter princípios de associativismo. Para a análise foram agrupadas as 7 associações pois possuem muitas características em comum, desde a mesma presidência, mesmas infra-estruturas, tipos de culturas produzidas e alguns membros tem machambas em várias associações.

5.1.1. Descrição das Associações de camponeses

Depois da identificação dos diversos actores, descrevem-se as associações de camponeses, apresentando os dados básicos (localização, área, número de membros, infra-estruturas e quadro organizacional), historial da associação e as alianças que existem com as diversas instituições.

Associações do Vale do Nhartanda

a) Dados básicos

De acordo com Sr. Dórica (Presidente da associação) e observações efectuadas, estas associações localizam-se no vale do Nhartanda, que situa-se no bairro Sansão Muthemba arredores da cidade de Tete, sendo este vale uma baixa onde em tempos corria um dos afluentes do rio Zambeze, ocupando uma área de 100 ha e o tamanho das machambas varia dos 0.3 a 0.6 ha. Tem 158 membros subdivididos por sete associações ocupando 3 blocos: Zona Norte, Centro e Sul. Possuem infra-estruturas comuns como é o caso de postos de captação da água, moageira, escritórios mas, cada uma das associações possui autonomia, no que concerne a gestão da motobomba, do sistema de rega, do pagamento das quotas e no tipo de cultura a produzir, sendo o milho, a mapira e hortícolas diversas as principais culturas das associações.

Tabela 5: Associações do vale do Nhartanda

Associações	Membros
Associação 16 de Junho	26
Associação 18 de Abril	21
Associação 10º Aniversário	30
Associação Massacre da Moeda	20
Associação Aliança Agrária	21
Associação 25 de Setembro	20
Associação 1º de Maio	20

b) Historial

De acordo com Sr. Agostinho (membro da direcção da associação), estas associações surgiram em 1985, como resultado da mobilização feita pelo governo para a erradicação da fome. Nessa altura funcionavam em regime de Cooperativismo onde todos trabalhavam na terra comum e os resultados da colheita eram divididos pelos membros da cooperativa. As cooperativas funcionaram até os anos de

1994/95, na altura da viragem para o sistema de associativismo, tendo sido divididas as terras pelo número dos membros e reajustou-se o sistema de rega. Do total dos entrevistados, 40% (ver *anexo 3; tabela 14*) afirmou que uma das maiores razões para esta mudança foi a desorganização que se verificava. Ainda, 60% dos entrevistados (ver *anexo 3: tabela 15*) afirma que o actual sistema de trabalho (associação) é melhor porque responsabiliza cada um dos camponeses no seu próprio trabalho.

c) Alianças/Parceria

União Provincial dos Camponeses, ADIPSA, HAI, APN. (A *tabela 9* na *pag. 32*, mostra o tipo de parceria existente).

Associação "consorcio do M'padue"

a) Dados básicos

De acordo com Sr. Mafico (presidente da associação) e observações efectuadas no terreno, a associação de M'padue localiza-se em M'padue a 7 Km da cidade de Tete. Com uma área de cultivo de 100 ha (actualmente somente 52 ha é que estão a ser explorados), é composta por 110 membros, dos quais 77 mulheres e 33 homens, ocupando áreas individuais que variam de 0.2 a 0.5 ha. No que concerne as infra-estruturas, a associação possui 3 electrobombas, 4 tractores, 2 viaturas, 3 moageiras, um escritório e uma cantina. Os associados possuem machambas individuais, mas por semana trabalham numa machamba colectiva, onde os rendimentos beneficiam a associação.

b) Historial

De acordo com Sr. Mafico (presidente da associação), a associação formou-se em 1988, através de um projecto da ISCOS. Antes de 1988, o local onde está emplantada a associação era um centro de deslocados de guerra e o governo na altura fez uma sensibilização para o parcelamento da terra e distribuir a população, uma porção de 0,3 ha por cada camponês. Na altura não se chamava associação mas um grupo de camponeses (consórcio), que era gerido pela ISCOS, que também financiou o desbravamento, compra dos equipamentos, construção das infra-estruturas e a elaboração do plano funcional da associação. O projecto acabou em 1992 e a ONG fez a entrega de todo o património aos camponeses e segundo Sr Mafico, onde a posterior formou-se a associação, aderindo a UNAC".

c) Alianças/ Parcerias

União Provincial dos Camponeses, ADIPSA, HAI, APN (Ver *tabela 9; pag. 32*).

ASCANIZOOU

a) Dados básicos

De acordo com o Sr Gonçalves (membro da direcção) e observações efectuadas, a ASCANIZOOU localiza-se a Norte da vila de Moatize, no posto administrativo de Zóbue, distrito de Moatize, a 63 Km da cidade de Tete e está ligada a estrada Cidade de Tete- Zóbue, por uma picada de 8 Km possuindo uma área cultivada de 45 ha. Tem um total de 17 membros que trabalham em machambas individuais, mas possuem actividades em comum.

b) Historial

A associação formou-se em 1999, através de camponeses repatriados do Malawi, onde se tinham refugiado devido a guerra civil, tendo estes adquirido experiência de trabalhos em grupos com organizações humanitárias, ONG's e o governo do Malawi e, quando houve o repatriamento voltaram para Moçambique com a ideia do associativismo. Com o reassentamento das populações, as pessoas juntaram-se e formaram a associação, onde a ideia central era construir-se uma represa e assim foram subdivididos terrenos próximos do rio (Sr Gonçalves; membro da direcção).

c) Alianças/Parceria

DPADR, União Provincial dos Camponeses, ADIPSA, HAI, APN (Ver tabela 9; pag 32).

Associação de Campanga

a) Dados básicos

De acordo com dados fornecidos por Sr Nterrea Almone (presidente da associação) e observações efectuadas, a associação de Campanga localiza-se a cerca de 10 Km da capital do distrito, Moatize, no posto administrativo de Moatize, na aldeia de Campanga. Esta possui 50 membros e uma extensão de 100 ha, com excelentes infra-estruturas básicas para a prática de uma agricultura de irrigação como é o caso do reservatório com capacidade de armazenamento de 750 m³ e um canal de 600m.

b) Historial

De acordo com o Sr Nterrea Almone (presidente da associação), esta formou-se em 1994 e antes, os camponeses trabalham individualmente onde irrigavam sua terras através de baldes e latas. Veio então a DANIDA e a Visão Mundial que ofereceram motobombas e então apartir daí organizaram-se em associação para melhor gerir as infra-estruturas adquiridas. Nessa altura produziam várias culturas

deste hortícolas e cereais que eram escoadas para os maiores mercados de Tete, Moatize e Changara. Quando as motobombas avariaram não tiveram pronta manutenção e como a maior causa da associação eram as infra-estruturas aos poucos a associação começou a dissolver-se. No momento da recolha dos dados a associação existia em nome pois maior parte dos camponeses trabalhava individualmente.

União Nacional de Camponeses (UNAC)

Segundo UNAC (2003), esta organização define-se como uma associação de camponeses de âmbito nacional, sem fins lucrativos criados pelos camponeses para a defesa dos seus interesses. Surge em Abril de 1987, quando pequenos e médios produtores de todo o país viram a necessidade da criação duma organização com o intuito de defender e salvaguardar os seus interesses, perante a fase do novo clima sócio-económico emergido na altura da introdução do Programa de Reabilitação Económica (PRE). As associações e cooperativas criaram o Núcleo de Apoio às Cooperativas do país que funcionou até a realização da assembleia geral, constituindo a UNAC em Abril de 1993, sendo reconhecido juridicamente em 1994. Esta organização possui os seguintes objectivos: Promover e ampliar a auto-organização dos camponeses com vista ao fortalecimento dinâmico das comunidades; Identificar acções que contribuam para a garantia da soberania alimentar das famílias camponesas; Ser cada vez mais a voz representativa e audível para defender os interesses sociais, económicos, políticos dos camponeses com vista a atingir o desenvolvimento sustentável.

A UNAC faz a ligação com os camponeses através de uniões provinciais e distritais espalhadas pelo país e na altura da recolha dos dados no campo em Tete não existia a União Provincial, funcionando somente com a Comissão Provincial que estava em processo de formalização para tornar-se União Provincial de Camponeses. As uniões de camponeses, apesar de aparecerem na estrutura executiva da UNAC não fazem parte dela, mas sim complementam-na sendo elas membros da UNAC. A ligação entre as organizações de base e os vários níveis tem em vista conferir maior sustentabilidade as organizações de base, visto ser estratégia da UNAC a intervenção privilegiando os camponeses a partir das organizações na qual estas estão ligadas e ou filiadas, além do facto de esta ligação conferir mais responsabilidade e compromisso as organizações de base (associações) com as diversas uniões (zonais, distritais, etc.). Apesar deste facto a UNAC reconhece a existência de problemas de ligação entre as organizações de base e a UNAC central (UNAC, 2003). De acordo com Eys (2002), a burocracia inerente á gestão e administração de projectos foi perturbando o relacionamento com os membros associados.

5.1.2. Descrição das ONG's

Ajuda Popular da Noruega (APN)

De acordo com Frank Phirre (director da APN), o APN é uma organização não governamental que trabalha na área do desenvolvimento Rural em Tete e possui dois programas: o primeiro é de desminagem (cujo o termino verificou-se em 2002) e o segundo é de desenvolvimento comunitário. Um dos objectivos desta organização é trabalhar com parceiros no envolvimento da comunidade para o seu desenvolvimento e um desses parceiros são as associações de camponeses. Segundo o responsável pela instituição em Tete, a razão de trabalharem com associações, vem da política de desenvolvimento comunitário da sua organização. "A parceria é muito importante porque a principal vocação das ONG's é de facilitar o desenvolvimento de programas e não implementa-los, daí entendemos que é fundamental facilitar o trabalho que as associações vem desempenhando e ajudar no fortalecimento do movimento associativo em Tete" comentou Frank Phirre. A APN trabalha na capacitação organizacional das associações, suporte financeiro de algumas actividades das associações (legalização), identificação e fortificação das associações e na divulgação da lei de terras.

Apoio ao Desenvolvimento de Iniciativas Privadas no Sector Agrícola (ADIPSA)

A ADIPSA é uma organização que opera em Tete na área do desenvolvimento do sector agrícola e surge em 2000 com o intuito de facilitar as iniciativas do sector privado na agricultura. De acordo com o Engº Paulo (Director geral da organização), esta ONG aparece fundamentalmente para colmatar o desfasamento da vocação das ONG's que é de facilitador e não de implementador, salientando que "O que se tem notado é que muitas ONG's disponibilizam fundos e ao mesmo tempo implementam os projectos e quanto estes terminam muitas das vezes o agricultor já não tem capacidade de levar avante as iniciativas". Esta organização trabalha com iniciativas privadas, bem como camponeses organizados em associações, sendo a principal áreas de acção da organização a agricultura.

Help Age International (HAI)

De acordo com Zeca Chicusse, (director da organização), a HAI é uma ONG que trabalha em Tete desde 1994, e tem como objectivo principal ajudar os idosos desfavorecidos. Para o alcance deste objectivo, esta organização trabalha com as comunidades de indivíduos que têm idosos vulneráveis a muitos factores (fome, seca, doenças), e dentro da comunidade funciona com grupos organizados para que sejam estes o elo de ligação com os idosos. Um dos parceiros desta organização são as associações

de camponeses, visto ter-se constatado que maior parte dos idosos são camponeses. A HAI trabalha na promoção da agricultura, campanha do HIV/SIDA, legalização das associações, na formação dos membros e na pesquisa de mercado.

5.1.3. Descrição da instituição do estado

Gabinete do Plano de Desenvolvimento da Região do vale Zambeze-GPZ

Segundo Manuel dos Santos (do GPZ), o GPZ é uma instituição de direito público com autonomia administrativa e financeira e é tutelado pelo conselho de Ministros. Esta instituição foi fundada em 1960 com o ainda governo colonial e foi inspirado no Tenesse Valley (um projecto Americano de desenvolvimento). Em 1995 o governo estabeleceu o decreto 40/95 e recriou-o, por forma a assegurar a eficácia e eficiência requeridas para o desenvolvimento do vale do Zambeze e segundo GPZ (s.d.), torna-se imperioso desenvolver este vale pois é uma das regiões do país em que o potencial de recursos e as possibilidades do seu aproveitamento, apontam como susceptível de rapidamente contribuir para o desenvolvimento sustentável de Moçambique. É uma instituição pelo qual o governo coordena, dirige, e planifica a gestão do desenvolvimento integrado do vale do Zambeze, através de processos de implementação de programas e projectos de desenvolvimento. Os principais objectivos do programa desta instituição são: Maximizar o tempo útil da barragem de Cahora Bassa, promover o desenvolvimento sustentável e promover o desenvolvimento comunitário e de infra-estruturas.

5.2. Comparação dos actores

Depois de descrever os principais actores faz-se uma comparação através de critérios definidos. Primeiro comparam-se as ONG's, instituições do estado e a UNAC e em seguida as associações usando os critérios: Objectivos/filosofia e as estratégias (actividades) de intervenção para o alcance desses objectivos.

Tabela 6: Objectivos/Filosofia e estratégia de intervenção das ONG's e instituições do estado

org.	item	Objectivos/Filosofia ²	Modo/estratégia de intervenção
ADIPSA		Colmatar o desfasamento da filosofia das ONG's e facilitar o desenvolvimentos de iniciativas das associações de camponeses.	Capacitação das associações, financiamento de algumas actividades.
HAI		Envolver as associações de camponeses na ajuda aos idosos.	Capacitação das associações (legalização), palestras e formação
APN		Desenvolvimento comunitário- trabalhar com associações como parceiros no envolvimento da comunidade.	Capacitação organizacional, suporte financeiro de alguns projectos das associações, identificação, fortificação das associações e apoio na divulgação da lei de terras.
UNAC		Promover e ampliar a auto-organização dos camponeses. Identificar acções que contribuam para a garantia da soberania alimentar das famílias camponesas Ser cada vez mais a voz representativa e audível para defender os interesses sociais, económicos, políticos dos camponeses.	Promover a auto-estima dos membros Estimular a troca de experiências entre os grupos e a comunidade Promover atitudes que propiciem o fortalecimento da auto organização Propor medidas concretas para a legalização das organizações de base.
GPZ		Promover o desenvolvimento comunitário (envolvendo associações de camponeses).	Através de implementação de projectos desenvolvimento e apoio a associações organizadas.

Fonte: informantes chaves, observações e consultas de dados secundários.

Comentários gerais

Da tabela 6, pode-se observar que existe uma diferença em termos de filosofias/objectivos das organizações estudadas em relação ao desenvolvimento das associações, nomeadamente: A ADIPSA procura facilitar as iniciativas que as associações desenvolvem, a HAI tem como objectivo ajudar os idosos, o APN envolve as associações como parceiros para o desenvolvimento comunitário, a UNAC apesar de possuir múltiplos objectivos a sua filosofia passa pela defesa dos interesses das associações e

² filosofia em relação as associações

por último o GPZ articula o desenvolvimento comunitário. No entanto, salienta-se que apesar das diferenças, as suas estratégias de intervenção das ONG's são semelhantes, baseando-se fundamentalmente na capacitação das associações de camponeses. Esta semelhança tem facilitado o trabalho das ONG's, pois faz com que haja uma coordenação evitando assim sobreposição de actividades. Eys (2002), afirma que apesar de cada ONG possuir sua especialidade, elas devem reunir esforços e trabalhar em conjunto para se complementar e desta forma aumentar o impacto das suas intervenções (*vide* 2.3.2). A capacitação organizacional que é aqui referida visa fornecer instrumentos às associações (tais como legalização das associações, cursos de computadores, realização de cursos em matéria de crédito, etc.) para que elas por si sejam o motor de desenvolvimento rural, planificando e implementando actividades sem possuir uma dependência de instituições e organizações externas.

Analisando também a UNAC nota-se que as estratégias de acção não diferem muito das ONG's, pois visam acima de tudo promover uma capacitação das associações em termos organizacionais, tais como a auto-organização, auto-estima e legalização. Esta organização funciona através da Comissão dos Camponeses de Tete que faz a ligação entre os níveis de base e o nível central, descentralizando as suas actividades. Esta forma de funcionar marca uma viragem no funcionamento da UNAC, visto esta ter mudado nos últimos anos o seu modo de acção, retirando-lhe a filosofia de ser uma organização de forte ligação com a base na defesa dos seus interesses. Este pensamento é fundamentado pela UNAC (2003), argumentando que a instituição surgiu como um movimento social mas devido a razões contextuais foi perdendo a sua essência passando a semelhar-se a uma ONG do que como um movimento social de defesa dos direitos e interesses dos camponeses. Em 2003 a UNAC elaborou um plano estratégico em que ajusta as suas estratégias para ir de encontro com as reais necessidades do associativismo e na promoção da auto-organização dos camponeses para o fortalecimento das comunidades.

Quanto ao GPZ, nota-se que o seu objectivo é de envolver as associações de camponeses em projectos de desenvolvimento comunitário. Esta instituição tem como estratégias de acção diferentes das ONG's e da UNAC pois estas estratégias baseiam-se fundamentalmente no apoio em termos de factores de produção e na implementação de actividades de parcerias com algumas associações. Esta pode ser uma forma de ajuda positiva para as associações, pois muitas debatem-se com problemas de falta de capital para o desenvolvimento das suas actividades, mas esta ajuda peca por não tocar em aspectos

organizativos. Parece que o GPZ funciona como um “despejador” de recursos sem ter em conta os aspectos organizativos da associação o que pode trazer no futuro problemas de sustentabilidade.

Depois de se terem comparado as ONG's e o GPZ passa a comparar-se as associações e camponeses.

Tabela 7: Objectivos/Filosofia e estratégia de intervenção das associações

Item Associação	Objectivos/Filosofia	Estratégia de intervenção
Vale do Nhartanda	Proporcionar segurança alimentar dos membros da associação. Reactivar a produção pecuária	Produção agrícola Compra de animais através de créditos pedidos a instituições
M'padue	Proporcionar segurança alimentar dos membros da associação.	Produção agrícola, aluguer de equipamento e moagem de cereais
ASCANZOOU	Ajudar as comunidades vizinhas na comercialização dos seus produtos Proporcionar segurança alimentar aos membros da associação	Compra de produtos das comunidades e a posterior revenda. Através da produção agrícola, piscicultura e prestação de serviços
Campanga	Revitalização da produção agrícola	Parceria com instituições para revitalização da associação

Fonte: informantes chaves, observação e consulta de dados secundários

Comentários gerais

Existe um objectivo comum para as todas associações que é a garantia da segurança alimentar para os seus membros, sendo de acordo com Supe (1999), uma das principais contribuições das associações de camponeses (Ver pag. 5). Apesar deste facto as associações possuem outros objectivos, destacando-se a associação de Campanga que a curto prazo tenta revitalizar a produção agrícola que é a base de sustentação da organização e a ASCANZOOU pretende introduzir a piscicultura. As estratégias das associações são diferentes visando proporcionar um desenvolvimento as próprias organizações e aos membros em geral, mas a produção agrícola é actividade comum entre as associações, apesar de estas praticarem muitas outras. As associações do vale do Nhartanda dedicam-se à produção agrícola, com a predominância de hortícolas, que são comercializadas nos mercados da cidade de Tete. Como já foi referenciado na descrição das associações, para além de cada associação dedicar-se a produção agrícola, elas possuem infra-estruturas em comum como é o caso da moageira, onde as receitas

provenientes desta actividade são usadas para a manutenção das associações. Destaca-se também a intenção de reactivar a produção pecuária.

A associação de M'padue dedica-se à produção agrícola, esta feita pelos membros da associação individualmente nas suas parcelas. Para além da actividade agrícola esta associação dedica-se a moagem de cereais para os membros da associação bem como para a comunidade circunvizinha, prestando assim um grande contributo à comunidade e a associação. Faz também o aluguer de tractores para a lavoura e o transporte de mercadorias.

Para a ASCANZOOU a principal actividade é a produção agrícola, onde cada membro possui a sua parcela para o seu próprio sustento, mas a associação tem também actividades que são comuns a todos os membros destacando-se a construção de uma represa para piscicultura e para irrigação dos seus campos. A prestação de serviços é uma actividade que começou esta época onde a associação para além de ajudar as comunidades vizinhas na comercialização dos seus produtos intervém em actividades com parceiros .

A associação de Campanga é a única que dedica-se somente a agricultura e, como já foi referenciado na altura da recolha dos dados os camponeses trabalhavam nas suas parcelas individualmente, cada um a produzir independentemente.

Para além das actividades das associações fez-se um levantamento das actividades que os membros praticam fora da associação para ver a relação que existe entre essas actividades e aquelas que a associação pratica.

Tabela 8.: Actividades praticadas pelos membros da associação

Associação \ Respostas	Vale do Nhartanda (N=25)	M'Padué (N=15)	ASCANZOOU (N=12)	Capanga (N=12)
Machamba fora da associação	20 (80%)	7 (47%)	4 (33%)	10 (83%)
Criação de gado	15 (60%)	10 (67%)	8 (67%)	8 (67%)
Outra actividade*	8 (32%)	4 (27%)	4 (33%)	7 (58%)
Não tem outra actividade	5 (20%)	3 (20%)	7 (58%)	0

* venda de diversos produtos em casa, emprego assalariado, fabrico de bebidas.

Da tabela 8 pode-se notar que 80% dos camponeses do vale do Nhartanda tem machamba fora do regadio e 60% dedicam-se a criação gado. Isto pode derivar-se no facto de no tempo chuvoso maior parte do vale do Nhartanda não ser viável para a prática da agricultura pois esta fica inundada e os camponeses recorrem a machamba de sequeiro. Apesar de no tempo seco os camponeses dedicarem-se a machamba da associação, no tempo chuvoso optam por aquelas que são praticadas fora da associação. Este facto pode estar também relacionado com o reduzido número de actividades que a associação tem (ver *tabela 7*) e a actividade agrícola ser quase a única.

Em relação a M'padue menos de metade dos membros da associação tem machamba fora do regadio mostrando que a associação é o local privilegiado para a prática da actividade agrícola. Apesar disto os camponeses possuem outras actividades como são os casos de emprego assalariado e venda de produtos diversos nas casas ou nos mercados do distrito e poucos (20%) não têm outra actividade. Quase todos os entrevistados afirmaram que têm tido boas colheitas na machamba localizada na associação e porque praticam culturas de ciclo curto (hortícolas), é nesta machamba onde dedicam maior parte do seu tempo. Quando analisa-se em termos da contribuição que a associação traz para as despesas dos membros, observa-se que 86% utiliza-as para a compra de comida e 47% para compra de material escolar (ver *anexo 3: tabela 17*).

Na ASCANZOOU o facto de só 30% dos entrevistados ter machamba fora do regadio e 58% não ter outra actividade fora da associação, pode estar relacionado com o facto de a associação possuir actividades como é o caso da prestação de serviços que faz com que os camponeses dediquem maior parte do tempo nestas actividades. Assim a associação contribui para as despesas dos membros em grande medida como são os casos de compra de alimentos (100%), compra de material escolar (60%).

A associação de Campanga 83% tem uma machamba fora do local onde estava implantada a associação. Apesar de notar-se que isto está associado no facto de a associação não estar a funcionar, torna-se difícil fazer um juízo mais profundo por esta não estar a funcionar

5.3. Actividades das associações com as ONG's e instituições do estado

Para além das actividades que as associações praticam existem outras relacionadas com ONG's e GPZ. A tabela 9 apresenta as actividades das associações ligadas as ONG's e ao GPZ.

Tabela 9: Actividades, Instituição de apoio/parceria e o modo como as associações surgiram

Item Associação	Actividades	Instituição de Apoio/Parceria
ASCANZOOU	Projecto de produção plantas (Fruteiras e ornamentais)	GPZ
Vale do Nhartanda (7 °Assoc.) & Consórcio M'padue ³	Processo de legalização das associações.	HAI
	Financiamento de cursos (informática), transporte.	
	Financiamento do processo de legalização das associações, na identificação e fortificação Capacitação organizacional. Divulgação do direito do uso de terra	APN
Associação de Campanga	Capacitação (lei de terras). Financiamento do processo da legalização e deslocações para palestras, feiras e outros eventos.	ADIPSA
	Financiamento do processo de revitalização do regadio de capanga	GPZ

³ Estas associações são aqui mostradas em conjunto porque o tipo de parceria e apoio é o mesmo e as ONG's são as mesmas.

Da tabela pode-se notar que existem 3 ONG's (ADIPSA, HAI, APN), que têm projectos com as associações de M'padue e vale do Nhartanda e o GPZ tem projectos com ASCANZOOU e associação de Campanga. As seguir descrevem-se estas actividades.

5.3.1 Actividades desenvolvidas pelas associações de camponeses ligadas ao GPZ

A ASCANZOOU participa desde 2002 no projecto do GPZ denominado "produção de plantas para arborização e ordenamento da cidade" no âmbito do plano de desenvolvimento comunitário do GPZ. Este projecto consiste na produção de 7.000.000 plantas (fruteiras e árvores de sombras) por parte da associação e no fim da produção o GPZ compra as plantas a um preço baixo. Segundo o Sr. Ambrósio da Fonseca (da divisão de estudos e implementação de programas do GPZ), esta iniciativa enquadra-se no PARPA no âmbito da redução da pobreza absoluta em Moçambique. No projecto, o GPZ comparticipa com material de produção (carrinhas de mão, mudas e outros) e a associação contribui com mão-de-obra, vasos plásticos entre outros. Segundo Sr Gonçalves (membros da direcção da associação), o fundo proveniente do projecto vai ser empregue na construção da represa e no melhoramento das infra-estruturas da associação, no processo de legalização da associação e na abertura de uma conta para funcionar como capital social da organização. Maior parte das decisões são tomadas em conjunto, apesar de a iniciativa de surgido do GPZ, que contactou a associação para a provisão dos serviços. Quanto surgem alguns problemas inerentes a produção, a associação contacta o GPZ activam-se mecanismos para encontrar a solução adequada. A iniciativa do GPZ fez nascer um espírito de parcerias com outras instituições como é o caso da proposta feita pela associação a DPADR, para produção de sementes de feijão e milho de ciclo curto para a instituição e em contrapartida a sua participação no acabamento da represa por ter se notado que sempre que começa a época agrícola, a DPADR enfrenta constante escassez de sementes para as suas actividades.

Na associação de Capanga as actividades ainda não tinham começado pois o presente estudo foi realizado no momento em que a Divisão do Desenvolvimento Comunitário providenciara a compra de uma motobomba para conceder a associação no âmbito do apoio as associações de camponeses do vale do Zambeze. Todos os entrevistados nesta associação afirmaram que o GPZ realizou um encontro com membros da associação, onde convidou-os a esporem os problemas da associação. Estes referiram que o maior problema era falta de motobombas para irrigar os seus campos, o que fazia com que a associação não estivesse a funcionar. Então a solução que o GPZ encontrou foi a concessão de uma motobomba em forma de crédito.

5.3.2. Actividades desenvolvidas pelas associações de camponeses em coordenação com ONG's

As ONG's que operam na província de Tete têm desenvolvido actividades na área do desenvolvimento comunitário. A HAI começou o projecto de desenvolvimento comunitário em 1999 (tendo este sido erguido fora da estratégia principal da organização), onde pretendia que as necessidades e práticas sociais dos idosos iriam encontrar-se no próprio sistema da Comunidade. Assim adoptou-se como estratégia, o fortalecimento das capacidades das organizações locais que tinham idosos envolvidos e, uma destas organizações são as associações de camponeses. Neste âmbito envolveu a ADIPSA e a APN como parceiros para a persecução de actividades inerentes a este projecto. A capacitação das associações tem sido feita através de actividades tais como: legalização das associações, financiamento de cursos (informática), divulgação do direito do uso de terra, transporte, capacitação organizacional.

De acordo com Zeca Chicusse (director da HAI) o que tem acontecido no geral em Tete, é a tendência de ajudar-se em motobombas, sementes e outros factores de produção, descorando-se o aspecto organizacional das associações. O factor negativo que se verifica é que algumas actividades não se fazem sentir nos camponeses, pois 70% (M'padue) e 61% (Nhartanda) dos entrevistados afirma que nenhuma organização apoia as associações. Alias, os camponeses quanto abordados acerca de como é que acham que as instituições deviam apoia-los, 47% afirma que devia ser em motobomba, 80% em sementes, isto em M'padue e 87% afirma que devia ser em motobomba e tubos e 35% em sementes desta vez no vale do Nhartanda (ver *anexo 3; tabela 18*). No projecto maior parte das actividades são de iniciativa das associações, apresentando estas os problemas que têm as ONG's com a participação dos camponeses desenvolvem soluções.

Comentários gerais

Das actividades realizadas pelas associações realça-se a parceria entre a ASCANZOOU e o GPZ no projecto de produção de plantas para a arborização e ornamentação da cidade. Em vez de apoiar a associação em meios materiais ou financeiros esta instituição envolve a organização de camponeses numa parceria para a prestação de serviços. Este tipo de intervenção é positiva para a associação porque para além de possibilitar a angariação de fundos para a construção da represa e outras necessidades da organização, fortalece a própria organização, fazendo com que ela por si, implemente as suas próprias actividades diminuindo assim o espírito de receber apoio que tem sido frequente em Tete e em Moçambique no geral. Segundo Van der Loo (da DANIDA), muitas associações na província de Tete não têm sido sustentáveis pois as organizações apoiam em recursos e quando estas desaparecem elas não tem tido capacidade de continuar com o trabalhando iniciado antes. Este aspecto

é frisado por Pretty (1995), que vê a necessidade de envolver directamente os beneficiários em projectos para garantir um melhor funcionamento.

Do lado da associação de Campanga, apesar de as actividades de produção não terem começado, o GPZ já havia feito um estudo e chegou a conclusão de fornecer motobombas para a associação. A ajuda que o GPZ pretende conceder a associação é importante para os camponeses visto estes debaterem-se com problemas de falta de equipamentos de irrigação porém, verifica-se que esta está somente virada para os meios materiais, descorando o aspecto organizacional que segundo os camponeses é uma das razões que fez com que as actividades da organização ficassem paralisadas.

Quanto às ONG's, estas têm despendido os seus esforços em actividades de capacitação das organizações dos camponeses, notando-se que estas actividades visam criar mecanismos que facilitem às associações no incremento de actividades de desenvolvimento das comunidades e da região. As ONG's afastam-se assim das actividades de implementação, dedicando-se somente a facilitação de processos organizativos das associações, o que é uma forma de ver o desenvolvimento das associações muito boa apesar de maior parte dos camponeses não sentir directamente estas acções, podendo-se dever a diversas razões, nomeadamente, a não divulgação destas actividades por parte da Comissão Provincial dos Camponeses ou porque os camponeses anseiam outro tipo de intervenção.

5.4. Participação dos camponeses nos projectos/programas de desenvolvimento

Na abordagem da participação das associações nos projectos ou programas das ONG e do GPZ, utilizam-se os tipos de participação de Biggs e de Pretty. Segundo Artur (1999), citando Pijnenburg (1998), nos últimos anos o termo participação é um instrumento para garantir a sustentabilidade na concepção de programas e modelos de desenvolvimento (*ver 2.3*). Assim é importante fazer-se uma análise da participação para estabelecer uma ligação entre a participação e a sustentabilidade das associações e dos projectos de desenvolvimento rural.

5.4.1. Tipos de participação das organizações segundo Biggs

Para analisar a participação são usados os tipos de participação de Biggs, onde de uma forma simples aparecem de lado os pesquisadores (que adaptando na tese são as ONG's e o GPZ) e do outro população local (associações). Assim procura-se ver se as ONG's e o GPZ, *contactam* as associações para disponibilizarem serviços, se *consultam-nas* procurando saber dos seus problemas e depois

devolvem soluções, se os dois *colaboram* como sócios no processo ou se as ONG's e o GPZ *trabalham para fortalecer as capacidades* das associações.

Dos projectos descritos em 5.3 chegou-se ao seguinte resultado:

1. Do projecto do desenvolvimento comunitário as ONG's *trabalham para fortalecer as capacidades* das associações.
2. No projecto do GPZ e Campanga, o GPZ *consultou* a associação os seus problemas e devolveu uma solução que foi a aquisição de motobomba.
3. O GPZ *contratou* a ASCANZOOU para a disponibilizarão de serviços

Destes resultados são identificados os tipo de participação de Biggs (*vide tabela 2*).

Tabela 10: Participação das associações usando os critérios Biggs

Associação / Organização	Vale do Nhartanda	M'Padué	ASCANZOOU	Capanga
ADIPSA	Colegial	Colegial	—	—
APN	Colegial	Colegial	—	—
HAI	Colegial	Colegial	—	—
GPZ	—	—	Contratual	Consultivo

— - indica que a nível desta pesquisa não existe relação entre associação e ONG/GPZ

Comentários gerais

Da tabela observa-se que as ONG's utilizam a participação colegial em que as organizações trabalham para fortalecer as capacidades da população local, através de projectos ou de simples actividades. O fortalecimento das capacidades das associações tem sido a filosofia da ADIPSA, HAI e APN, onde estas tem fornecido "instrumentos" as organizações de camponeses para o desenvolvimento do associativismo em Tete e Moatize. As ONG's têm como já foi referenciado em 5.2.2, privilegiado actividade tais como legalização das associações, patrocínio de cursos de informática, estudo de mercados, palestra e feiras, no lugar de fornecer insumos ou motobomba, que diga-se a verdade seriam muito úteis para as associações. Estas acções que têm sido desenvolvido pelas organizações podem ser benéficas para os camponeses apesar de maior parte dos entrevistados não sentir este tipo de apoio. Um aspecto importante é o facto de se usar o mesmo tipo de participação pelas ONG's, para as mesmas associações o que fortalece ainda mais o trabalho das ONG's.

Quanto ao GPZ destacam-se dois tipos de participação: Contratual (ASCANZOOU) e a consultiva (Capanga). A participação contratual é aquela em que as entidades contratam a população para disponibilizarem terra e/ou serviços para as actividades que irão desenvolver. Este tipo aplica-se nas actividades que o GPZ está a desenvolver com a ASCANZOOU no projecto de plantas, sendo esta uma abordagem nova e está inserida na maneira como esta instituição deseja apoiar as associações. Segundo a Sra. Leonor (Departamento do Desenvolvimento Comunitário do GPZ), a sua instituição irá apoiar associações bem organizadas e que possuem alguns recursos. Nesta parceria que existe entre o GPZ e a associação ao mesmo tempo que ajuda em termos financeiros o GPZ faz com que a associação por si implemente as actividades, não tendo uma dependência directa com o GPZ e quando este cessar com o apoio financeiro a associação poderá continuar a levar a cabo as suas actividades. Quanto a participação consultiva, a entidade consulta a população local e depois desenvolvem soluções. Nas visitas que o GPZ fez à associação, auscultou os camponeses acerca dos problemas que eles se debatiam e desenhou uma solução que consistiu na concessão da motobomba, o que poderá ajuda-la na resolução de problemas a curto prazo, mas quando o GPZ cessar o seu apoio a associação pode não ter argumentos para continuar o seu trabalho. A abordagem de participação pode ser boa porque o GPZ preocupou-se por escutar o que os membros da associação tinham para dizer, mas em termos de sustentabilidade pode não ser porque esconde os reais problemas desta associação.

5.4.2. Tipos de participação das organizações segundo Pretty

Pretty mostra na *tabela 3*, tipos de participação em projectos de desenvolvimento. O uso destes tipos de participação deve-se a maior diversificação e no facto de em muitos trabalhos de desenvolvimento participativo esta abordagem ser utilizada. Para facilitar a identificação dos tipos de participação adaptaram-se 4 indicadores a partir da referida tabela. Da descrição dos projectos do GPZ e das ONG's chegou-se ao seguinte resultado.

1. Quanto ao projectos da ADIPSA APN e HAI

Tomada de decisão- As Decisões são tomadas conjuntamente pelas ONG's e associações

Iniciativa do projecto- Iniciativa das ONG's, mas as associações sugerem algumas actividades.

Definição dos problemas- ONG's

Definição das Soluções- ONG's e associações.

2. Quanto aos projectos do GPZ

a) Relacionado com a ASCANZOOU

Tomada de decisão- GPZ e associação

Iniciativa do projecto- GPZ

Definição dos problemas- Os problemas são definidos em conjunto

Definição das Soluções- As soluções são definidos em conjunto

b) Relacionado com Capanga

Tomada de decisão- GPZ .

Iniciativa do projecto- O projecto de iniciativa do GPZ

Definição dos problemas- Os problemas foram definidos pela associação

Definição das Soluções- GPZ

Dos resultados dos indicadores de participação enquadram-se os tipos de participação de Pretty.

Tabela 11: Participação das organizações segundo Pretty

Associações Org.	Vale do Nhartanda	M'Padué	ASCANZOOU	Capanga
ADIPSA	Participação interactiva	Participação interactiva	—	—
APN	Participação interactiva	Participação interactiva	—	—
HAI	Participação interactiva	Participação interactiva	—	—
GPZ	—	—	Participação funcional	Participação por consulta

— -indica que a nível desta pesquisa não existe relação entre associação e ONG/GPZ

Comentários gerais

Na tabela pode se observar que existe uma semelhança entre as três ONG's na maneira como envolvem as associações e uma diferença clara entre as ONG's e o GPZ. Do lado GPZ existe também uma diferença na definição de soluções e tomada de decisões no concernente as actividades das duas associações que esta instituição mantém relações.

Existe um processo interactivo entre as ONG's e as associações onde a tomada de decisão nas actividades que estão a ser desenvolvidas é conjunta. Maior parte das actividades que estão envolvidas as associações e as ONG, surgem das associações que por sua vez contactam as organizações para

ajudarem. Os principais problemas são sentidos pelas associações que os encaminham para ONG's a fim de pedir apoio não obstante alguns surgirem da parte das ONG's que tem como função complementarem o trabalho todo que tem sido desenvolvido. Trabalhando em conjunto (como é o caso da elaboração dos estatutos da Comissão dos camponeses), procuram mecanismos para solucionarem os problemas que surgem, apesar de maior parte das decisões (em termos financeiros) pertencerem as ONG's. Assim conclui-se que o tipo de participação usada pelas ONG's é a participação interactiva.

No caso do GPZ, esta instituição faz uma abordagem da participação de duas vertentes. Quanto a ASCANZOOU, as decisões são tomadas pela associação, com a participação do GPZ, isto porque acerca do projecto o GPZ tomou decisão em relação ao número de plantas a produzir, as datas de produção e contactou a associação que por sua vez tem uma autonomia em relação ao processo produtivo. Neste caso é claro que a iniciativa do projecto foi do GPZ mas tem envolvido a associação na definição das soluções e dos problemas que vão surgindo. Todos entrevistados nesta associação afirma ter participado em muitas reuniões com esta instituição para avaliar e decidir muitos aspectos da produção.

Na associação de Capanga, o GPZ teve iniciativa de visitar a associação, auscultando o seus problemas mas a decisão de como ajudar a associação foi tomada pela instituição. De acordo com Amade Sucá (da UNAC) a sua organização é de opinião de que o tipo de apoio em que uma organização aparece para saber dos problemas das associações e depois tenta resolver alguns deles não é sustentável, só aumenta a dependência e a ideia de que as instituições externas vem para resolver problemas. Neste caso como o GPZ fez o levantamento dos problemas pode dar atenção a estes aspectos descorando de outros que a comunidade não se apercebe deles mas que são importantes e podem ser até aspectos positivos. Talvez seja por essa razão maior parte prefere apoio em motobomba e tubos (cerca de 92%) e ainda 50% em insumos agrícolas (ver *anexo 3; tabela 18*), descorando o aspecto de organização que é o principal obstáculo desta associação.

Este facto demonstra uma certa dependência dos camponeses aos apoios externos para organizarem-se em associação fazendo com que o seu movimento não seja forte. Segundo António Van der loo (da DANIDA; comunicação oral) que trabalhou com esta organização isto é comum em Tete, onde diversas organizações formam-se quanto existe apoio externo mas quando este cessa estas dissolvem-se.

5.5. Sustentabilidade

Neste capítulo faz-se uma análise do desenvolvimento sustentável, começando primeiro por abordar a sustentabilidade dos projectos nos quais as associações estão envolvidas e em seguida a sustentabilidade das próprias associações. Nos projectos do GPZ e ONG's usam-se os critérios de McCracken e Narayan e também de Kansuhhu. A sustentabilidade das associações é analisada a partir dos factores descritos em 2.4.3 por Massingarrela e Vugt (2001), como são os casos do modo do surgimento da associação, da ligação entre os níveis de organização das associações, do modo como a associação encara o associativismo e como foram acompanhadas pelas organizações de apoio.

5.5.1. Análise da sustentabilidade dos projectos usando os critérios de McCracken e Narayan

Na análise da sustentabilidade, começa-se por apresentar os resultados concernente aos projectos do GPZ, envolvendo a ASCANZOOU e das ONG's com as associações do Vale do Nhartanda e M'padue, seguindo-se a explicação com o auxílio da descrição dos projectos feita em 5.3. Não se faz menção ao projecto na associação de Campanga visto na altura da recolha dos dados não ter iniciado.

Tabela 12: Sustentabilidade dos projectos usando os indicadores McCracken e Narayan

Indicadores	Associação	ASCANZOOU	Vale do Nhartanda e M'padue
	Manutenção do Sistema		✓
Habilidades de gestão		✓	✓
Autonomia da associação		✓	✓
Colaboração entre organizações	planificação	—	✓
	Actividades	—	✓

✓ indica que o indicador é satisfatório ou verifica-se.

Comentários gerais

Caso da ASCANZOOU

Sistema de manutenção: No projecto da produção de plantas o sistema de manutenção é feito em termos de produção pelos associados, cabendo ao GPZ o acompanhamento da produção. Este aspecto é muito importante pois confere um maior "empowerment" aos associados, fazendo com que mesmo que o GPZ cesse a sua contribuição eles possam continuar com a produção.

Habilidades de gestão: De acordo o Sr Gonçalves (membro da direcção), devido a grande responsabilidade que este tipo de empreendimento acarreta, torna-se necessário adoptar critérios de gestão mais eficazes, como é o caso do estímulo dos membros que intervém directamente na produção das plantas, onde este chega a atingir os 700.000,00 MT por trabalhador/membro da associação. O facto dos membros da associação possuírem conhecimentos técnicos e habilidade na gestão das actividades da sua própria organização insere um factor muito importante no bom encaminhamento da produção concernente a este projecto mas também para futuras parcerias com outras instituições.

Autonomia: Na capacidade institucional local salienta-se a autonomia que a associação possui, na definição das técnicas de produção e na quantidade de insumos necessários para a produção.

Colaboração entre instituições: Salienta-se a não existência de uma colaboração directa com outras instituições que operam na região não obstante a DPADR trabalhar com os camponeses na área de extensão.

Caso das associações do Vale do Nhartanda e de M'padue

Habilidades de gestão: Ao apostarem na formação dos membros das associações em matérias ligadas a informática, está patente a introdução de mecanismos que possam facilitar a autogestão das actividades das associações e ao mesmo tempo está-se a aumentar as capacidades humanas.

Autonomia: No que concerne às actividades ligadas ao projecto de desenvolvimento comunitário, apesar de este ter sido da iniciativa das ONG's, maior parte das actividades vêm das próprias associações que submetem-nos as ONG's. Assim as associações possuem autonomia para definir prioridades, apesar de as ONG's terem a prerrogativa de estudar a sua viabilização.

Colaboração entre instituições: Um dos factores que torna o trabalho das ONG's facilitado é a colaboração institucional existente. Na legalização das associações para evitar a sobreposição das actividades cada ONG's tem a sua tarefa

5.5.2. Análise da sustentabilidade dos projectos usando os critérios de Kanshuhu

Usando os indicadores de Kanshuhu, apresenta-se os resultados seguindo-se de um comentário

Tabela 13: Sustentabilidade dos projectos usando os indicadores de Kanshuhu

Indicadores	Associação	ASCANZOOU	Vale do Nhartanda e M'padue
2. Adaptação aos conhecimentos locais		✓	✓
4. Resultados devem ir ao encontro das necessidades locais		✓	✓
9. Tecnologias simples fáceis de aprendizagem		✓	—
10. Produção continua		✓	—
11. Instituição de suporte		—	✓

✓ indica que o indicador é satisfatório ou verifica-se.

Caso da ASCANZOOU

2. Adaptação aos conhecimentos locais: O projecto consiste na produção de mudas para o posterior plantio. Portanto de acordo com os camponeses, estes referiram que possuíam conhecimentos de produção de mudas e por isso o projecto adaptou-se aos conhecimentos dos camponeses (em termos de técnicas de produção). Este facto foi referenciado pelo Sr Ambrosio (do GPZ), adiantando que foi critério da escolha da associação, os conhecimentos técnicos dos seus membros.

4. Os resultados devem ir ao encontro das necessidades locais: Como a ASCANZOOU está envolvida no desenvolvimento da sua organização e precisa de fundos para o efeito, a parceria que existe entre a associação e o GPZ beneficia a associação pois, esta conseguiu angariar fundos para a sua organização e para algumas actividades tais como: concluir com a represa, tratar da legalização da associação e outras iniciativas que estão a ser estudadas pela associação.

9. Tecnologias simples e de fácil aprendizagem: A associação vem praticando actividades produtivas e segundo membros da associação muitos já produziram fruteiras. O facto do projecto requerer técnicas simples, não recorrendo a um método de produção que requer uma especialização, produzindo as mudas em sacos plásticos (uma técnica muito simples), possibilitou a fácil adaptação e a execução da actividade com maior rigor.

10. Produção continua: A produção das plantas não sofreu nenhuma interrupção e foi produzido o número de plantas que o GPZ estipulou.

11. Instituição de suporte: No momento da produção os técnicos do GPZ, faziam viagens periódicas para ver se projecto estava a decorrer bem. Não há informações acerca de como será a parceria quando o projecto terminar.

Caso das associações do Vale do Nhartanda e M'padue

2. Adaptação aos conhecimentos locais: As actividades desenvolvidas visam primeiro aumentar os conhecimentos dos camponeses, verificando-se a presença dos associados na elaboração de estatutos e em algumas palestras, faz-se o uso dos conhecimentos que os camponeses tem.

4. Os resultados devem ir ao encontro das necessidades locais: Apesar de os camponeses não sentirem estes tipos de parceria, existem aspectos que os camponeses beneficiam largamente como são os casos de cursos, palestras etc.

11. Instituição de auxílio: No que concerne a instituição de suporte as ONG coordenam esforços para que a Comissão provincial de Camponeses seja ela auxiliar o desenvolvimento institucional das associações. Assim membros desta comissão tem tido treinamento em aspectos de gestão, tem tido cursos de informática e visitam associações de outras provinciais para troca de experiências.

5.3.3. sustentabilidade das associações

Depois de ter se feito uma análise da sustentabilidade dos projectos nos quais as associações estão envolvidas, analisa-se a sustentabilidade das associações de camponeses. De acordo com Pretty (1995), a sustentabilidade na agricultura precisa mais do que novas tecnologias e práticas culturais, sendo o desejo e capacidade de aprendizagem dos camponeses, a capacidade dos grupos locais e instituições de fazer gestão dos recursos efectivamente factores muito importante. Redclift (1997), salienta que no desenvolvimento sustentável, devem estar envolvidos diferentes grupos de pessoas suportando os vários objectivos dos projectos/programas e a sustentabilidade desses grupos é importante para que esses objectivos sejam assegurados.

Sendo assim como as associações são base dos projectos analisados, torna-se necessário que as próprias organizações sejam sustentáveis para aumentar a probabilidade de sustentabilidade dos

projectos. Neste capítulo analisa-se a sustentabilidade das associações usando os factores definidos em 2.4.3 nomeadamente: Modo como estas surgiram, como estas foram acompanhadas pelas organizações de apoio, a ligação com as uniões de camponeses e a maneira como os membros da associação encaram o associativismo.

ASCANZOOU

1. Modo como surgiu- Esta associação foi criada pelos próprios membros, o que pode ter sido um factor fundamental para reduzir a dependência a instituições e organizações externas. De acordo com Sr. Gonçalves (membro da direcção) “esta associação sempre funcionou com as contribuições dos membros e mesmo na altura das crises sempre resolvemos os nossos próprios problemas.”

2. Como foram acompanhadas pelas organizações de apoio- Dos projectos que esta associação tem estado envolvido destacam dois: o da introdução da piscicultura por parte da DPADR e o projecto do GPZ. No que concerne a piscicultura, a represa para o transporte de água para a produção de peixes é feita pela própria associação cabendo a DPADR a parte da extensão. Como já foi referenciado acerca do projecto do GPZ, nota-se que não há dependência da associação as instituições/organizações que apoiam esta associação possibilitando uma sustentabilidade desta associação.

3. Ligação com as uniões de camponeses- Esta associação não está ligada a uma união de camponeses mas segundo Sr Dórica (presidente da comissão dos camponeses de Tete) há um interesse por parte desta associação em se filiar a comissão.

4. Maneira como os membros da associação encaram o associativismo- A opinião dos membros acerca da importância da associação é fundamental. Cerca de 60% dos membros enfatiza a importância da associação para o trabalho em conjunto e só 10% vê como um meio para pedir apoio (ver *anexo 3; tabela 16*). Esta é uma visão positiva porque quando os apoios não vem a associação continua a envidar esforços para em conjunto resolverem os seus problemas.

Associação de M'padue

1. Modo como surgiu- Esta associação surgiu apartir de uma ONG's internacional (ISCOS), que depois de alguns anos deixou as infra- estruturas com os membros para que pudessem fazer a sua própria gestão. Este facto pode ter contribuído para a dependência em apoios externos mas a maneira como esta associação foi gerida pela ONG contrariou esta tendência.

2. Como foram acompanhadas pelas organizações de apoio- Ao longo do tempo em que esteve a trabalhar com esta associação, a ISCOS fez a transferencia de poder gradualmente chegando ao ponto de mesmo com a sua presença a gestão ser feita pelos membros da associação

3. Ligação com as uniões de camponeses- Esta associação está ligada a comissão provincial de camponeses de Tete e conseqüentemente a UNAC o que transfere uma série de vantagens desde a participação em diversos projectos, reuniões e palestra, capacitação dos seus membros conferindo uma certa capacidade dos seus membros em fazer uma boa gestão da associação.

4. Maneira como os membros da associação encaram o associativismo- Da *tabela 16; anexo 3* pode notar que mais de metade dos membros é de opinião que trabalhar em conjunto e partilhar dos equipamentos de rega é a função da associação e só 20% pensa em pedir ajuda. Nota-se aqui uma boa organização da associação mesmo quando chega o tempo de deixar a machamba privada e trabalhar na colectiva todos membros fazem-no com imensa vontade e assiduidade (observação).

Associações do vale do Nhartanda

1. Modo como surgiu- As associações do vale do Nhartanda surgiram apartir de iniciativas do governo, que eram de dinamizar a criação de cooperativas agrícolas em Moçambique e anos depois transformaram-se em associações de camponeses do vale do Nhartanda.

2. Como foram acompanhadas pelas organizações de apoio- De acordo com Sr. Agostinho (membro da direcção) várias instituições já apoiaram as associações, desde o Fundo de Desenvolvimento para a Comunidade (FDC), o próprio governo provincial e outros, tendo estes disponibilizado motobombas para o funcionamento das associações. "O que tem se verificado é que tempos depois as motobombas quando avariavam e não tem manutenção precisamos de outro tipo de apoio" denotando-se aqui que o tipo de apoio destas instituições não tem servido para um longo termo.

3. Ligação com as uniões de camponeses- Estas associações estão também a exemplo da associação de M'padue ligadas a comissão provincial de camponeses de Tete.

4. Maneira como os membros da associação encaram o associativismo- 32% dos membros vê a associação como um meio para obter apoios materiais e cerca de 40% como forma de trabalhar em conjunto e 24% como fonte de aproveitamento de equipamentos de rega (*anexo3 ; tabela16*). Um dos

camponeses afirmou que “sem estar na associação não era possível regar a minha machamba”. Estes podem ser factores negativos para a sustentabilidade destas associações mas não tem sido muito decisivos talvez por causa do apoio que tem beneficiado vindo da comissão de camponeses.

Associação de Campanga

1. Modo como surgiu- Esta associação surgiu através de ONG's internacionais nomeadamente DANIDA e Visão mundial que trabalharam com a associação por vários anos.

2. Como foram acompanhadas pelas organizações de apoio- De acordo com Sr Entuerre (responsável pela manutenção das bombas) a assistência técnica no início era feita pela DANIDA e Visão mundial e quando o projecto acabou passou a ser feita pelos próprios membros mas só para pequenas avarias. Quando as motobombas começaram a ter problemas maiores, começaram a aparecer as dificuldades e a associação começou a desmoronar-se. Pode-se afirmar que quando o projecto acabou a associação também acabou e não houve um acompanhamento por parte das ONG's.

3. Ligação com as uniões de camponeses- Apesar de afirmar-se que esta associação está ligada a comissão dos camponeses a sua ligação não é confirmada pelos camponeses.

4. Maneira como os membros da associação encaram o associativismo- O facto de 67% dos entrevistados (*anexo 3; tabela 16*) achar que a importância da associação é de permitir que os associados beneficiem mais de apoios de organizações externas pode ser a razão da paragem da associação porque no momento da recolha dos dados nenhuma instituição estava a apoiar directamente a associação para além da intenção do GPZ.

Considerações finais

Da análise feita usando primeiro os critérios de McCracken e Narayan, Kanshuhu e em seguida auxiliando-se dos factores que concorrem para a sustentabilidade das associações conclui-se que:

O projecto de produção de plantas realizado pela ASCANZOOU em coordenação com o GPZ demonstra ser sustentável, e a participação é um factor adicional para a sustentabilidade da associação. Aliando-se a isto e devido a factores como a génese da associação e o modo como os seus associados encaram o associativismo, aumenta mais a sustentabilidade da associação.

Quanto a M'padue esta associação demonstrou ser sustentável, apesar de ter sido criada por uma ONG, mas a maneira como esta transferiu as actividades para a gestão própria dos membros foi determinante. A maneira como os seus membros encaram o associativismo, o facto de esta estar ligada a União dos Camponeses de Tete contribuem para a sua sustentabilidade.

Em relação a Vale do Nhartanda, esta é sustentável pois, os associados abordam o associativismo de uma maneira positiva e a associação está ligada a UNAC. A maneira como as ONG's estão a apoiar a associação é também determinante.

Para as associação de Campanga esta demonstrou poder a ter problemas de sustentabilidade no futuro, isto derivado da maneira como encara-se a associação, da maneira como esta surgiu e foi acompanhada pelas organizações de apoio e pelo facto de a sua ligação com a Comissão Provincial ser fraca.

Análise da hipótese formulada

Da hipótese formulada (ver pag 3), salientam-se dois aspectos: Participação dos camponeses nos projectos de desenvolvimento e sustentabilidade das associações.

As ONG's usam um tipo de participação em projectos que favorece a capacitação das associações. Esta abordagem tem como objectivos resolver problemas a curto prazo mas com uma visão de longo prazo, pois ajudar os camponeses a desenvolverem a sua agricultura mas ao mesmo tempo fortalecem as suas organizações através da formação, assuntos da legalização, participação das associações em feiras e palestras etc. **Portanto, no caso das ONG's aceita-se a hipótese.**

Do lados do GPZ, salientam-se as actividades que têm incrementado junto as associações, usando dois diferentes tipos de participação em duas associações. Quanto a ASCANZOOU o tipo de participação promove o desenvolvimento da associação e da região onde a associação está implantada e ao mesmo tempo incorpora um aspecto de sustentabilidade da própria associação, mesmo porque esta possui qualidades para ser uma associação próspera. Do lado da associação de Campanga a participação desta pode trazer desenvolvimento a associação mas não em termos de sustentabilidade. **Quanto a ASCANZOOU aceita-se a hipótese mas no caso de Campanga rejeita-se.**

Limitações de estudo

O estudo teve as seguintes limitações.

- ⇒ Na análise da sustentabilidade usaram-se somente variáveis do ponto de vista social descorando as variáveis económicas e ambientais sendo estas, muito importantes na análise da sustentabilidade.
- ⇒ Durante a recolha dos dados o pesquisador deparou-se com a indisponibilidade de algumas instituições em cederem dados o que condicionou algumas análises dos resultados.
- ⇒ A análise dos dados foi feita usando como unidade de estudo a associação mas analisando as respostas em relação ao camponeses. O que se constatou-se foi que em muitos dos casos a machamba é da família onde normalmente a mulher é que trabalha e o homem dedica-se a outras actividades, assim podia ter-se feito a análise em relação a contribuição do agregado no global.
- ⇒ Não se analisou a participação dos camponeses nas actividades da associação em termos do número de horas que os camponeses dedicam a machamba, reuniões e outras. Estes aspectos podia trazer conclusões um pouco irrealistas porque segundo Massingarrela e vugt (2000), aparentemente as associações não satisfazem as expectativas dos seus membros de forma duradoura, mas a maioria fica porque carece de uma alternativa melhor.

6. CONSTATAÇÕES

Depois dos resultados obtidos apresentam-se as Constatações que respondem aos objectivos.

Actores envolvidos

⇒ Associações do vale do Nhartanda, associação de M'padue, associação de Campanga e ASCANZOOU; UNAC através da Comissão Provincial de Tete, ADIPSA, HAI, APN e GPZ

Actividades das associações:

⇒ Agricultura, Piscicultura, Pecuária e Prestação de serviços.

⇒ Com organizações não governamentais e instituições do estado as actividades são:

- A ASCANZOOU participa no projecto de arborização e ornamentação com o GPZ.
- A associação de Campanga participa no projecto de revitalização da associação com o GPZ.
- As associações de M'padue e do vale do Nhartanda participam no projecto de desenvolvimento comunitário com a ADIPSA, HAI e APN

Participação

⇒ O GPZ utiliza a participação consultiva e por consulta para a associação de Campanga e participação contratual e participação funcional para ASCANZOOU.

⇒ As ONG's usam a participação colegial e interactivo para as associações do vale do Nhartanda e M'padue.

Sustentabilidade

De acordo com os critérios usados:

⇒ Os projectos das ONG's com M'padue e Vale do Nhartanda e do GPZ com ASCANZOOU demonstraram ser sustentáveis

⇒ A ASCANZOOU, M'padue e Vale do Nhartanda demonstraram ser organizações sustentáveis

⇒ A associação de Campanga demonstrou poder encarar problemas de sustentabilidade

A Participação das associações de M'padue, Vale do Nhartanda e ASCANZOOU contribui para a sustentabilidade dos projectos e das associações e, a participação de Campanga não contribui para a sustentabilidade.

7. RECOMENDAÇÕES

Do estudo realizado recomenda-se:

Às associações:

- ⇒ A associação de Campanga deve trabalhar mais no aspecto organizacional, procurando maior parceria com a UNAC.
- ⇒ A ASCANZOOU deve acelerar o aspecto de legalização para que não tenha problemas nas parcerias com outras instituições.

Às Organizações Não Governamentais

- ⇒ Que continuem com o modo de participação das associações, mas devem envolver mais os camponeses na divulgação e sensibilização das actividades.

A UNAC

- ⇒ Que fortifique ainda mais a sua ligação com a base, através da Comissão Provincial divulgando as actividades com parceiros.
- ⇒ Fazer um trabalho de capacitação organizacional da associação de Campanga.
- ⇒ Deve ser um dos interlocutores quando se pretende envolver os camponeses em alguma actividade para salvaguardar a sustentabilidade das mesmas.

Ao GPZ

- ⇒ Que envolva mais associações em parcerias para a prestação de serviços.
- ⇒ Sendo uma das instituições que coordena as actividades no vale do Zambeze deve envolver as ONG's e a UNAC em aspectos de organização antes de implementar um projecto.
- ⇒ No caso concreto da associação de Campanga deve-se fazer um trabalho de capacitação organizacional antes de começar com as actividades
- ⇒ Deve evitar a formação de novas associações só para a implementação de planos já desenhados.

Futuras pesquisas:

- ⇒ Um estudo sobre a sustentabilidade das associações envolvendo a esfera económica e ecológica
- ⇒ Um estudo sobre estratégias adoptadas pelos camponeses organizados em associações (analisando-se do ponto de vista do agregado familiar).
- ⇒ Um estudo acerca da participação dos camponeses nas associações.

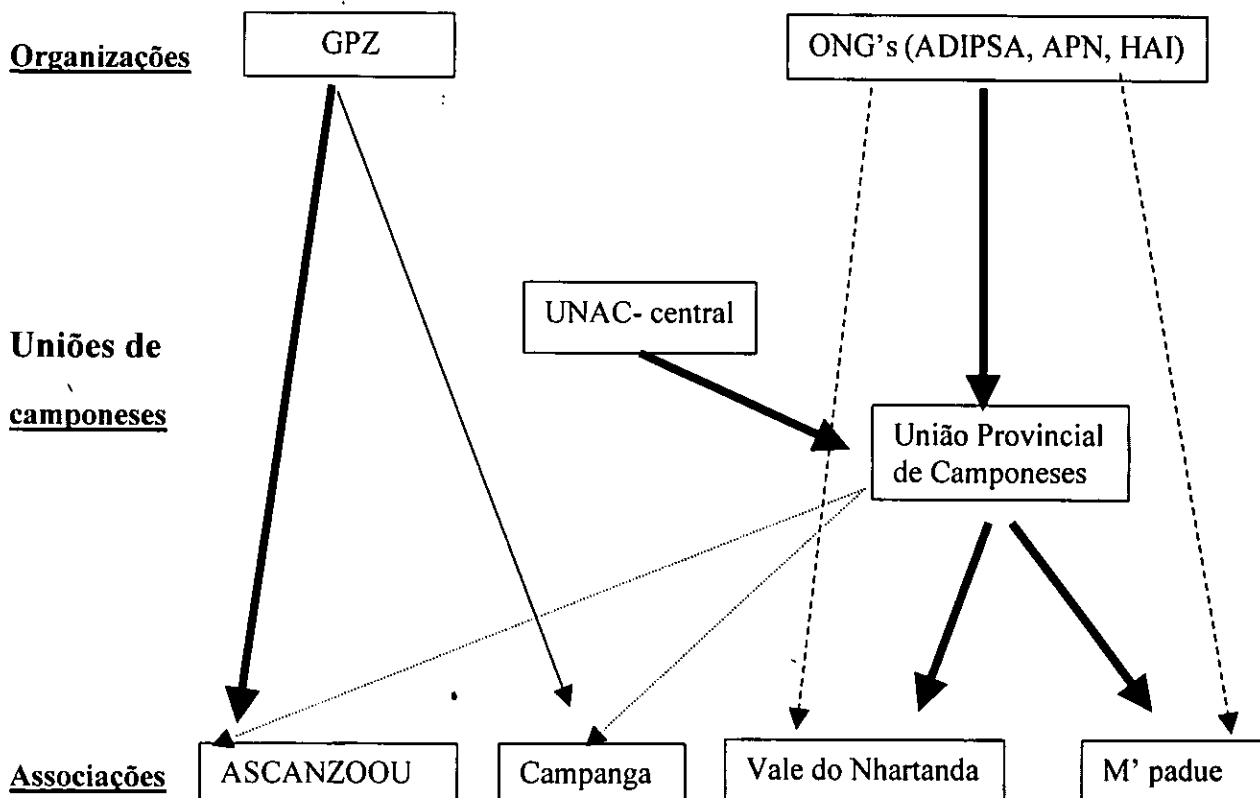
BIBLIOGRAFIA

1. Artur, L., 1999, ONG's e participação comunitária em Moçambique. O caso da ONG Save The Children (UK) em Mocha-Zambezia- Tese de licenciatura, FAEF, Maputo.
2. Beaudaux, E. e Nieuwkerk, M., 1985, Associações camponesas em África, Lisboa.
3. Campos, A.S., 1999, Associações Agrícola. Um guia prático, 2ª edição, Lisboa
4. Chambers, R., 1995, Fazer dos últimos os primeiros, 2ª edição, ADRA, Luanda
5. Chenje, M(ed)., 2000, Estado de Ambiente na Bacia do Zambeze, SADC/IUCM/ZRA/SARDC, Maseru/Lusaka/Harare
6. Chilundo, A. & Cau, B., 1999, Organizações das comunidades no actual contexto agrário de Moçambique, NET/UEM, Maputo
7. Da Graça, F., de Assis, A. e Gervaso, H., 1998, Relatório sobre organizações comunitárias e comunicação no meio rural em Moçambique, INDER, Maputo.
8. Doniak, F., 2002, Participação comunitária no processo de desenvolvimento local Estudo do caso do município de Rancho Queimado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
9. Eys, V., 2002, Solidariedade com os pobres ou comércio no mercado do desenvolvimento. As ONG's em Moçambique (in www.sigila.msh-paris.fr, consultado em julho de 2003).
10. GPZ, (sd), O vale do Zambeze e oportunidades de negócio, Maputo.
11. INE, 2000, Anuário Estatístico, INE, Maputo.
12. Kanshahu, A., 1996, Planning and Implementing Sustainable Projects in Developing Countries-Theory, Practices and Economic, AgBé Publishing, Holland.
13. MADER, 2000, Associativismo & Cooperativismo, em Extensão Rural, Ano 1. nº 3, pg. 50, MADER, Maputo.
14. McCracken, J. & Narayan, D., 1998, Participation and Social Assessment tools and techniques Environmentally and Socially Sustainable Development (ESSD), and Poverty Reduction and Economic Management (PREM), The World Bank, Washington D.C.
15. Massingarella, C. e Vugt, A., 2001, A situação das cooperativas, associações e uniões de camponeses do sector familiar no sul de Moçambique, UNAC, Maputo.
16. Matakala, P e Macucule, A., 1998, Alguns métodos de Amostragem e Diagnóstico Participativo Rural Para Uso Em Pesquisa e Estudos de Maneio Comunitário de Recursos Naturais, Departamento de Engenharia Florestal, FAEF, Maputo.
17. Matakala, P., 1997, Guidelines for field Works and researches in community Forest, FAO-DNFB, MADER, Maputo.

18. MISAU/ MPF, 1998, Perfil Distrital de Segurança Alimentar e Nutrição (Resumo), de Tete
19. Nichols, P., 1991, Social Survey Methods: A field Guide for Development Workers, Oxfam, England.
20. Pijnenburg, B. e Cavane, E., 2000, Métodos e técnicas de investigação sócio-económico-Apontamentos das aulas, UEM/FAEF, Maputo.
21. PNUD/ACNUR, 1998, Perfil de desenvolvimento Distrital de Tete, PNUD/ACNUR, Maputo.
22. PNUD/ACNUR, 1998, Perfil de desenvolvimento Distrital de Moatize, PNUD/ACNUR, Maputo.
23. Pretty, J.N., 1995, Participatory Learning for Sustainable Agriculture, in World Development Journal, Pg. 1247-1263.
24. Redclift, M., 1992, Sustainable development and popular Participation: A framework to analysis, Routledge, London.
25. Rolling, N., 1988, Extension Science. Information Systems in agriculture Development, Cambridge University Press, New York.
26. Supe, S., 1999, An Introduction to extension Education, 2ª ed. Pp: 172, New Deli.
27. UNAC, (2003), Plano Estratégico da UNAC-2003/2008, UNAC, Maputo.
28. UNAC, (2002), Workshop sobre prioridades e estratégias de participação dos camponeses de Tete nos programas de desenvolvimento, UNAC, Maputo.
29. V. Vugt, A., 2000, Apontamentos de Crédito e poupança, FAEF/ UEM, Maputo.

Anexo 1

Figura 1: Diagrama mostrando as interligações⁴ entre as organizações e as associações agrícolas



Legenda

- Parceria muito forte.
- Parceria ainda fraca.
- > Parceria forte mas não sentida pelos camponeses.
-> Parceria muito fraca ou não existentes.

⁴ As interligações referidas, são em termos de projectos que são levados a cabo pelas instituições e da organização na qual as associações estão inseridas.

Anexo 2:

CHECK LIST

Guião das perguntas para associações

Informante chave

1. Quando é que se formou a associação?
2. Como é que se formou?
3. Quais são os objectivos da associação?
4. Quantos membros tem ?
5. Qual é a área total da associação e de cada membro?
6. Quais são as infra-estruturas que a associação tem?
7. Como está organizada a associação?
8. Quais são as principais actividades da associação?
9. Quais são as principais organizações ou instituições que a associação tem actividades?
10. Em que se baseiam essas actividades?
11. Nas actividades com as essas instituições quem faz a manutenção do projecto?
12. Como é feita a gestão do projecto
13. Qual é o nível de dificuldade das tecnologias usadas?
14. Os projectos tem usado os conhecimentos dos camponeses?
15. Quem toma as principais decisões?
16. De quem foi a iniciativa do projecto
17. Quem define as soluções?

Para camponeses das associações

Informação geral

- Local
- Data
- Nome
- Sexo
- Idade

18. É membro de alguma associação? Qual?
19. A quanto tempo está na associação?

20. O que lhe motivou a entrar para a organização?
21. Para si qual é função da associação?
22. Que melhorias sente desde que está na associação?
23. Pratica alguma actividade fora da associação? Qual?
24. Conhece o GPZ/ONG? Como é que conheceu?
25. Tem participado em alguma actividade ligado ao GPZ/ONG?
26. O que pensa das iniciativas do GPZ/ONG?
27. Desde que conheceu o GPZ/ONG o que já foi feito?
28. Alguma vez participou numa reunião do GPZ/ONG? Se sim. Quantas vezes participou?
29. O que foi tratado nessa reunião?
30. Como tomou conhecimento do GPZ/ONG?
31. Quais são as vossas funções nas actividades do GPZ/ONG?
32. Como são definidos os problemas e as suas soluções?
33. Porque e que participam nos projectos?
34. Como são tomadas as decisões nas actividades relacionadas com o GPZ/ONG?
35. Quem toma as principais decisões?
36. Qual é o principal destino da vossa produção?
37. Tem tido acesso aos mercados para vender a vossa produção?
38. O que acha das tecnologias usadas pelo GPZ/ONG? São fáceis de adaptar?
39. Depois de o projecto do GPZ/ONG acabar como é que a associação pensa em continuar com as actividades já existentes ?

Guião das perguntas para o GPZ

1. O que é o GPZ?
2. A quanto tempo é que está formado?
3. Qual tem sido a principal função do GPZ?
4. Tem trabalhado com associações agrícolas? Quais?
5. Que tipo de actividade tem sido desenroladas junto as associações?
6. Qual é a razão da escolha de tais actividades?
7. Existe algum relacionamento institucional uma organização? Qual organização? Em que se baseia
8. Como foi escolhido o grupo alvo?
9. De quem foi a iniciativa do projecto?

10. Quais são os métodos de trabalho que usam no contacto com os camponeses?
11. Como são tomadas as decisões nas actividades do GPZ relacionadas com as associações?
12. Como tem sido envolvido o grupo alvo nas fase do projecto?
13. Tem havido conflitos? Quais são ?
14. Como tem sido resolvidos?
15. Como são definidos os problemas e as soluções? Quem os define
16. O GPZ faz o uso de conhecimentos locais? Se sim. Como?
17. Que tipo de matéria prima o projecto usa? Onde buscam essa matéria?
18. Quais são os principais beneficiários dos vossos projectos
19. Que tipo de tecnologias usam? Acham que os camponeses assimilam com facilidade?
20. Que tipo de sistema o GPZ possui para garantir a continuidade do sistema de produção?
21. Como irão auxiliar os camponeses depois de o projecto ter findado?

Guião das perguntas a outras organizações (ADIPSA, HAI, APN e DPADR)

1. Quais são os objectivos da organização?
2. A quanto tempo é que está formada?
3. Qual tem sido a principal função da organização?
4. Tem trabalhado com associações agrícolas? Quais?
5. Que tipo de actividade tem sido desenroladas junto as associações?
6. Qual é a razão da escolha de tais actividades?
7. Como foi escolhido o grupo alvo?
8. De quem foi a iniciativa do projecto?
9. Quais são os métodos de trabalho que usam no contacto com os camponeses?
10. Como são tomadas as decisões nas actividades relacionadas com as associações?
11. Como tem sido feito o contacto entre a instituição e os camponeses?
12. Como tem sido envolvido o grupo alvo nas fase do projecto?
13. Como são definidos os problemas e as soluções? Quem os define
14. Como tem sido o relacionamento entre os camponeses e a organização?
15. Existe algum relacionamento institucional com alguma organização no âmbito do desenvolvimento do vale do Zambeze? Em que se baseia?

Anexo 3

Tabela 14: Razões da mudança de cooperativa para associação (vale do Nhartanda) N=25

Tipos de respostas	Percentagem de respondentes
Muita desorganização	10 (40%)
Não estava ainda na associação	6 (24%)
Fomos informados para organizarmo-nos assim	7 (28%)
Achamos que assim seria melhor para nós	1 (4%)

Tabela 15: Comparação entre o actual e o antigo sistemas (vale do Nhartanda) N=25

Tipos de respostas	Percentagem de respostas
Bom porque responsabiliza as pessoas	15 (60%)
Vendemos bem	7 (27%)
Agora recebemos menos apoio	2 (8%)
Agora existe mais organização	10 (40%)

Tabela 16: Opinião dos camponeses acerca da função/importância das associações

Associação / Item	Vale do Nhartanda (N=25)	M'Padué (N=15)	ASCANZOOU (N=12)	Capanga (N=12)
Trabalhos em conjunto	10 (40%)	7 (47%)	7 (60%)	3 (25%)
Obtenção de água	6 (24%)	5 (33%)	5 (40%)	4 (33%)
Faz com que haja boas vendas	5 (20%)	3 (20%)	2 (20%)	1 (10%)
Obtenção de apoio	8 (32%)	3 (20%)	1 (10%)	8 (67%)
Não sabe	2 (8%)	1 (6%)	1 (10%)	2 (20%)

Tabela 17: Contribuição da associação nas despesas dos membros

Associação / Item	Vale do Nhartanda (N=25)	M'Padué (N=15)	ASCANZOOU (N=12)	Capanga (N=12)
Compra de material escolar	3 (12%)	5 (47%)	7 (60%)	✓
Construção de casas	16 (64%)	7 (33%)	5 (40%)	✓
Compra de comida	11 (45%)	3 (20%)	2 (20%)	✓
Outras necessidades	15 (60%)	3 (20%)	1 (10%)	✓

✓ indica que não houve dados para esta associação

Tabela 18: Como gostavam de ser ajudados

Associação / Item	Vale do Nhartanda (N=25)	M'Padué (N=15)	ASCANZOOU (N=12)	Capanga (N=12)
Motobomba e tubos	22 (87%)	7 (47%)	2 (20%)	11 (92%)
Apoio em crédito	3 (12%)	6 (40%)	5 (40%)	5 (42%)
Insumo agrícolas	6 (15%)	12 (80%)	7 (60%)	6 (50%)
Reabilitação da represa	0	0	8 (66%)	0

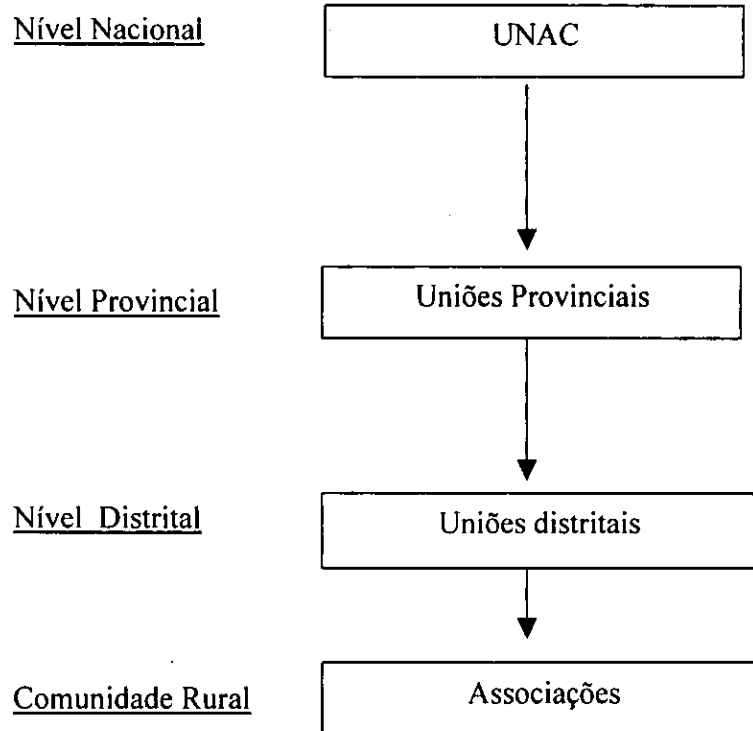
Tabela 19: Razões da paragem da associação (associação de Campanga)

N=12

Tipos de respostas	Percentagem de respostas
Má gestão	9 (75%)
Sabotagem	7 (58%)
Falta de motobomba	2 (58%)

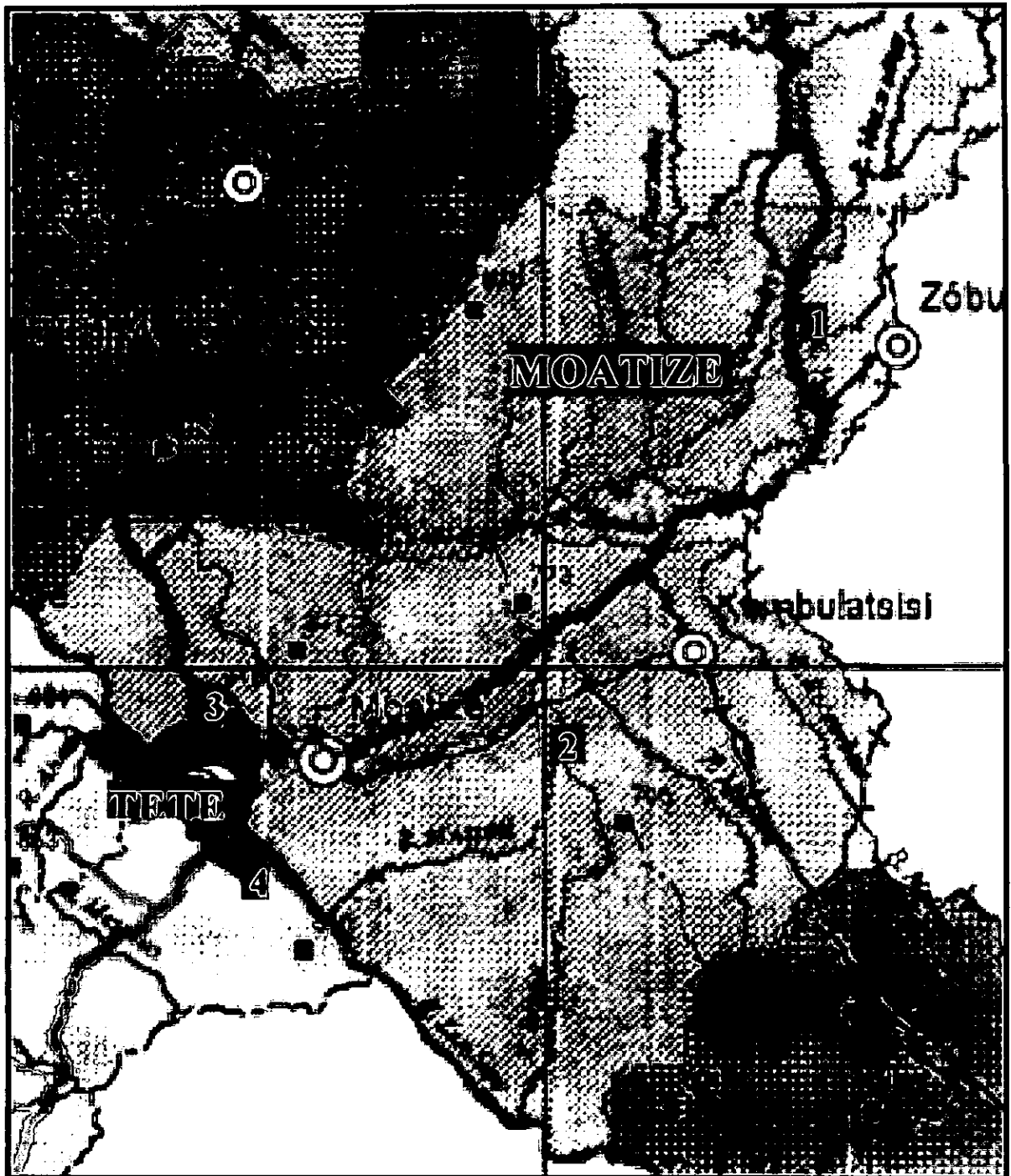
Anexo 4

Fig.2: Níveis de Organização da UNAC



Anexo 5

Mapa dos distritos de Tete e Moatize



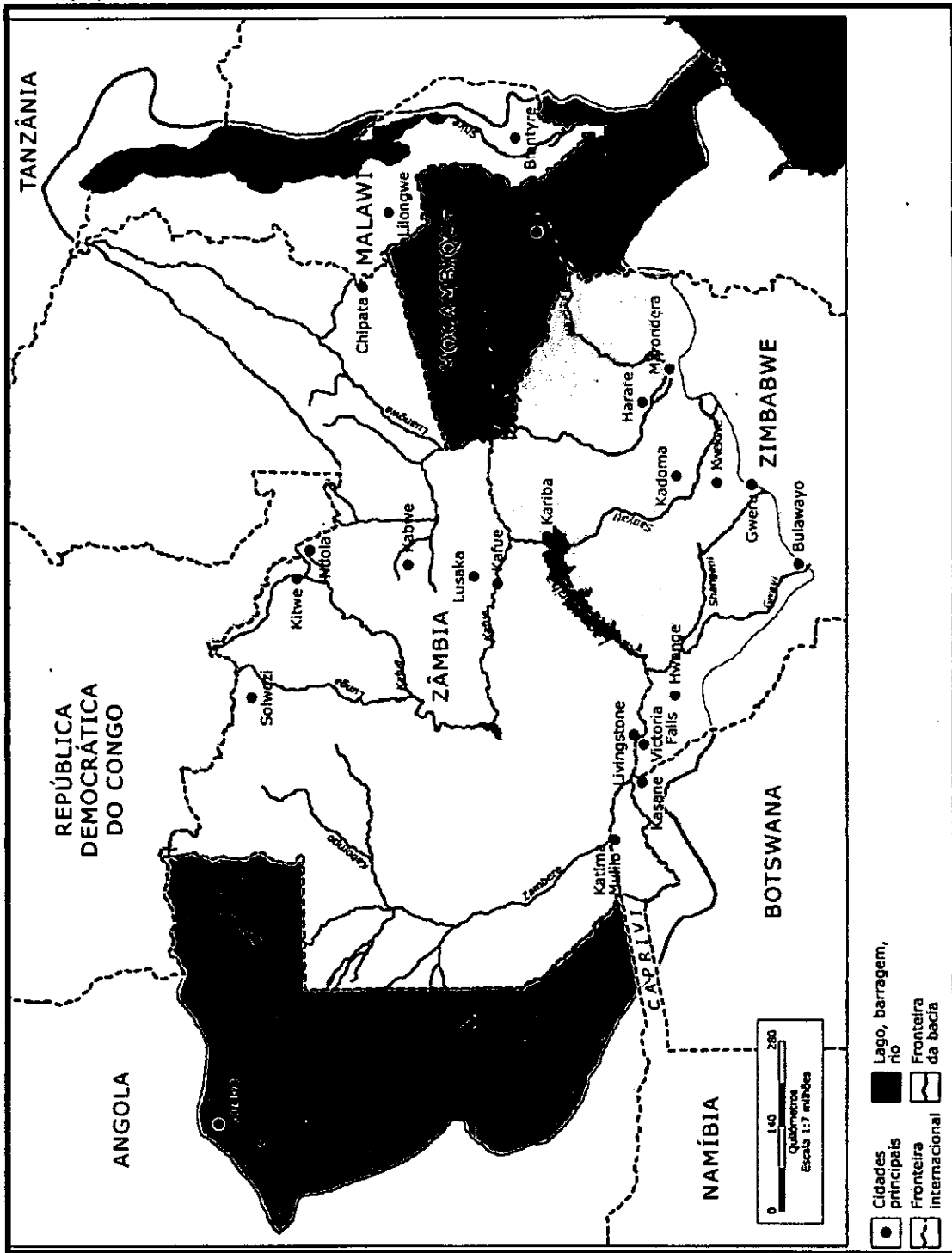
Fonte: Dinageca

Legenda

1. ASCANZOOU
2. Associação de Campanga
3. Associações do vale do Nhartanda
4. Associação " consórcio" de M'padue

Anexo 6

Mapa do vale do Zambeze



Fonte: Chenje, M(ed) (2000)